

CONGRESSO HISTÓRICO
DE GUIMARÃES E SUA COLEGIADA

850.º ANIVERSÁRIO DA BATALHA DE S. MAMEDE (1128-1978)

ACTAS

VOLUME II

COMUNICAÇÕES



GUIMARÃES . 1981

CAPELAS VINCULADAS NA COLEGIADA DE NOSSA SENHORA DA OLIVEIRA

por

MARIA ADELAIDE PEREIRA DE MORAES

Capelas vinculadas na Insigne e Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira. Umas mortas, desfeitas, outras salas de museu, duas ou três iguais ao que sempre foram: capelas de oração, de recolhimento. Vou tentar, a umas mais, a outras menos, chamá-las à vida, ressuscitá-las, contar um pouco da sua história.

CAPELA DE S. BRAZ

Capela de S. Braz, no claustro. Não dissiparei o nevoeiro que tapa, que encobre, a origem dos seus túmulos. Entremos, vamos ao do fundo. Na tampa jaz um homem de hábito, sandálias de frade, mãos comidas pelo tempo. Repousa num gordo cão também de pedra. Na arca dois escudos, um ilegível, outro bem visível. Armas esquarteladas: no 1.º e 4.º cinco estrelas (são estrelas?) de oito pontas, no 2.º e 3.º cinco velas ou fogaréus, chefe carregado com um leão passante. As sepulturas ¹ da direita, levantadas

¹ A última pessoa a ser enterrada nesta capela «no túmulo que tem a figura de mulher» (o da esquerda), foi D. Maria Rita de Freitas do Amaral e Mello, filha do 9.º sr. do vínculo (na sua família) a 6.12.1859. A meio da capela de S. Braz encontra-se a estátua jacente de D. Constança de Noronha, 1.ª Duquesa de Bragança, que se encon-

há poucos anos do sub-solo não têm tampa. Só numa se vêem os brasões: a folhagem envolve dois escudos: no escudete uma flor de liz, à sua volta quatro leões ou leopardos dentro duma quaderna. À esquerda em decorada arca jaz uma senhora vestida de freira, pés encostados a um fiel lebréu. De quem foram estes túmulos?

Do fundador da capela Álvaro Gonçalves de Freitas, vedor de D. João I? De seu cunhado Diogo Martins, almoxarife do Rei em Guimarães, a quem por testamento de 22.10.1419² encarrega da sua construção? «... *nam a faça baixa e se guarde das janellas escontra o vendavall e que faça ahy fazer huum bom altar e pintar toda a parede do altar e poer ahy hua imagem de Sam Braz e outra de Santa Maria ...*». De sua irmã Leonor Gonçalves, a comprar com seu marido terras em Vale de Bouro?³ Da filha destes Beringeira Dias de Freitas, nomeada pelo pai administradora do vínculo? Ou do genro João Esteves, almoxarife e escudeiro? De Diogo Pires, Cavaleiro, Contador do Duque de Bragança, a nomear nas suas últimas vontades⁴ esta capela em Fernando Afonso Leborão? Capela de S. Braz, «*myssas de servysso de Santa Maria*», velho vínculo vimaranense, anos e anos a servir

trava na capela-mor da igreja de S. Francisco de Guimarães, por ela mandada edificar. Ao instalarem o Museu Alberto Sampaio para aqui a trouxeram. No tomo 2.º dos *Estudos do Museu Alberto Sampaio*, Alfredo Guimarães identifica esta figura com outra pintada no «Tríptico do Infante».

² Publicado pelo Abade de Tagilde em *Apontamentos para a História de Guimarães* ao estudar o vínculo de S. Brás, in «Revista de Guimarães», vol. XIV, ano 1907, p. 155.

³ «Venda da parte e quinhão da quinta de Moxões em Val do Bouro feita por João Gomes, abbade de Esturões como procurador de Gil Vasques, Conego da Sé do Porto, a Diogo Martins, almoxarife d'el Rei em Guimarães e mulher Leonor Gonçalves. Feito nas casas do comprador em Guimarães a 24 de Novembro de 1443 (Cristo 1415) sendo testemunhas João Rodrigues de Freitas escudeiro morador na Azenha freguesia da Costa, Alvaro Annes, escudeiro morador na Praça da Villa e Gomes Gonçalves das Mondas, morador na dita villa pelo Tabelião Nicolau de Freitas. Doc. n.º 10 no «Índice dos Pergaminhos existentes em Sezim», Arq. Part. da Casa de Sezim.

No mesmo «Índice», n.º 44: «Escambo de um casal dito do Outeiro, em S. Martinho de Val de Bouro, por casas na Rua de Donães, feito entre Affonso Esteves, abbade da Igreja de Vila Nova de Sande e Diogo Martins, almoxarife de Guimarães e mulher Leonor Gonçalves. Sentenceado pelo arcebispo D. Martinho em Braga a 12 de Abril da era de 1453 (Chr. 1415). Foi vedor das Terras e Casas, D. Estevão Gil, abbade do Mosteiro de Sande da ordem de S. Bento».

⁴ O testamento de Diogo Pires está copiado por João Lopes de Faria nos seus manuscritos na «Sociedade Martins Sarmento». Ver nota 2.

de Santa Casa da Misericórdia, a acolher uns, a enterrar outros, quem repousa nestas pedras?

Dos nobiliários⁵ arrancamos um Fernão Afonso Leborão, pintado com cores vivas, marcado por uma tragédia familiar, escandaloso no seu viver. Assim rezam: natural de Santarém, «*muito inclinado à caça das lebres*», abandona a côrte depois do assassinato de seu meio-irmão Fernão Afonso Santarém, Camareiro Privado d'el Rei D. João I morto por amores com uma dama do Paço, às mãos do próprio monarca. Recolhe-se a Guimarães «*e aí viveo trazendo consigo sua Am.^a Emilia da Costa q recebeo a ora da morte*». Confunde-o Felgueiras Gayo com Fernando Afonso Leborão, escudeiro, casado com Catarina Fernandes. A 14.10.1463 são-lhes emprazadas umas terras pelo Prior de Santa Maria de Guimarães⁶, a 21.9.1480 fazem prazo de três vidas por duzentos reais brancos e duas galinhas «*recebomdas*» por um seu casal em Polvoreira⁷. Vivem na Quinta da Adeganha em S. Romão de Mesão Frio, aí lhes entregam, a partir de 4.2.1495, pela renda do casal de Vales em Santa Eufémia, mais reais e «*um bom carneiro*»⁸. As primeiras notícias de Fernando Afonso Leborão como administrador da Capela de S. Braz, «*a que succedeo a Diogo Pires, Cavaleiro e Contador do Duque como seu herdeiro e testamenteiro*», chegam-nos de 13.9.1504, ao arrendar uma das suas muitas quintas a Fernão Gil morador em Vale

⁵ *Nobiliário das Famílias de Portugal*, de Felgueiras Gayo, vol. XVI, Laboroens.

⁶ «Prazo do lugar do Paraizo, junto de Guimarães, emprazado em nome do Prior de Santa Maria de Guimarães Affonso Gomes de Lemos a Fernando Affonso Leboram e mulher Catharina Fernandes. Feito pello Tabaliam Luis Vasques a 14 de Outubro de 1463». Pergaminho n.º 40 do *Catalogo dos Pergaminhos da Casa de Pousada, Azurem*.

⁷ «Prazo em 3 vidas do casal do Balteiro em Polvoreira, feito por Fernando Affonso Leboram, escudeiro e mulher Catharina Fernandes, a Ruy Rodrigues, çapateiro e mulher Catharina Fernandes, moradores na Rua dos Gatos, pella renda de 200 reais brancos e 1 par de galinhas «recebomdas». Feito em Guimarães a 21 de Setembro de 1480 pelo tabelião Luiz Vaz». Doc. n.º 20 do «Índice» citado na nota 3. Nesse mesmo «Índice», n.º 32: «Prazo em 3 vidas do Casal do Reguengo em S. Romão de Meijão-Frio feito por Affonso ... fidalgo da Casa Real, contador e administrador das rendas em Guimarães a Fernando Affonso Leboram, escudeiro em Julho de 1493, e confirmado por El-Rey D. Manuel a 19 de Março de 1496».

⁸ «Prazo em 3 vidas do Casal das Vallas em St.^a Ofémia, feito por Fernando Affonso Leboram, escudeiro e mulher Catharina Fernandes, a Affonso Martins e mulher pela renda de 150 reaes brancos e 1 bom carneiro. Feito na Adeganha, quintas dos senhorios a 4 de Fevereiro de 1495 pelo tabelião João do Porto». Doc. n.º 45 do «Índice» da nota 3.

do Bouro «sobrinho do dito Diogo Pires»⁹. Questiona depois pelos bens desta capela¹⁰.

Nesta abóbada de ogiva ainda ressoam os ruidosos protestos do Prior, Chantre, Tesoureiro, Mestre-Escola, Cónegos e Cabido da Colegiada de Nossa Senhora. Escutem ... Indignados vociferam os fidalgos, os mercadores, os lavradores senhores dos casais, verdes e cuidados, foreiros à Colegiada. «O «mui honrado» senhor Fernando Leborão, escudeiro d'el Rei «*avalia os bens para atender o pedido de S. M. o Rei D. Manuel à vila de Guimarães*»: cinco milhões de reais para as necessidades do Reino. Esquece os privilégios desta «*honrada e devota Colegiada de Nossa Senhora*» onde tem capela e não isenta desse pagamento os Privilegiados das Tábuas Vermelhas¹¹. Cresce o coro das vozes descontentes, vexadas nas suas prerrogativas, a ameaçar com «*as mortes, deshonras, infamias, desterros e perdimentos de bens*» em que incorrem os que contra eles vão. Fernão Afonso Leborão e os mais «*avaliadores e lançadores*» ouvem outras vozes; também nós as podemos ouvir nestas paredes, em todas as pedras por esse Portugal afora. A voz das ondas, o bater das vagas, o barulho das naus, a nascerem, a irem pelo mar adiante a descobrir novos mundos. D. Manuel «*não querendo ofender em Couseira alguma que tocasse o património da Senhora*», atende o cabido; cala-se o coro, em júbilo, serenamente.

Muito rápido, por nós passa o filho de Fernando Afonso Leborão: Duarte Fernandes Leborão casado com D. Catarina de Almeida¹². Eis os netos:

⁹ «Prazo do Casal do Outeiro, em S. Martinho do Val do Bouro, feito depois de andar a pregão por Fernando Affonso Leborão, escudeiro, morador na Praça de Guimarães, como administrador da capella de S. Braz que dotou Alvaro Gonçalves de Freitas, e a que succedeo Diogo Pires, cavaleiro e contador do Duque, morador em Guimarães, do qual o dito Fernando Affonso foi herdeiro e testamenteiro em todos os seus bens, a Fernão Gil, escudeiro, morador em Val de Bouro, sobrinho do dito Diogo Pires, com a renda de 320 reaes e um par de galinhas. Feito em Guimarães a 13 de setembro de 1504 por Affonso Luis, escudeiro em Guimarães e tabelião em Guimarães pelo Duque sendo testemunhas Gonçallo Borges, escudeiro fidalgo e J.º Alvares, creado de Diogo Lopes de Lima, etc.». Doc. n.º 6 do «Índice» acima citado.

¹⁰ «Sentença da Casa da Suplicação sendo autor João d'Andrade, almoxarife de Guimarães e reu Fernando Affonso Leborão, sobre metade da quinta da Ribeira em Val do Bouro, pertencente a capella de S. Braz. Data em 29? de Maio de 1505?». Doc. n.º 35 do «Índice».

¹¹ *Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães*, pelo P.º Torquato Peixoto de Azevedo, Porto, Tip. da Revista, 1845, pp. 233 a 242.

¹² Nota 2. D. Catarina de Almeida era filha de D. Diogo Fernandes de Almeida e Leonor Fernandes Faria. V. *Pedatura Lusitana*, de Alão de Moraes, vol. V, tomo 2.º, p. 554.

CAPELA DE S. BRAZ

ÁLVARO GONÇALVES DE FREITAS cunhado de DIOGO MARTINS

BERINGEIRA DIAS DE FREITAS
x João Esteves

I — DIOGO PIRES

II — FERNANDO AFONSO LEBORÃO
x Catarina Fernandes

DUARTE FERNANDES LEBORÃO
x Catarina de Almeida

III — FERNÃO AFONSO LEBORÃO, s. g.

DAMIÃO LEBORÃO
x Ana Machado de Miranda

IV — FERNÃO AFONSO LEBORÃO
x Mecia Correia Barbosa

V — BALTAZAR DE MESQUITA LEBORÃO, Sac.

D. ANA BARBOSA CORREIA
x Gregório do Amaral

VI — ANTÓNIO DE FREITAS DE CARVALHO E AMARAL
Abade de Marecos

DIONÍSIO DO AMARAL DE FREITAS
x D. Francisca de Matos de Noronha

VII — GREGÓRIO DO AMARAL DE CASTELO-BRANCO
s. g.

VIII — JOSÉ DE FREITAS DO AMARAL LEBORÃO
x D. Josefa Margarida de Mello
Pereira de Sampaio

IX — MANUEL DE FREITAS DO AMARAL
D. Maria Leonor Cardoso
de Vasconcelos e Menezes

X — JOSÉ DE FREITAS DO AMARAL E MELLO
x D. Antónia da Silva Souto e Freitas

XI — MANUEL DE FREITAS AMARAL CASTELO-BRANCO
s. g.

D. ANA MARGARIDA DO AMARAL E MELLO
x João de Mello Pereira de Sampaio

XII — PAULO DE MELLO PEREIRA DE SAMPAIO FREITAS DO AMARAL
1.º Barão de Pombeiro de Riba de Vizela
x D. Maria Henriqueta Freire de Andrade, c. g.

Fernão Afonso em quem o avô nomeia a sucessão ¹³, falecido novo e Damião Leborão de Almeida, vereador da Câmara de Guimarães em 1540, marido de D. Ana Machado de Miranda. Destes é primogénito Fernão Afonso Leborão, fidalgo da Casa Real casado com D. Mecia Correia Barbosa. Aos 38 anos, morador na vila, conta a 9.5.1598 «*por isto ouvir e ser publico e notório*» toda a tragédia do naufrágio do Senhor de Pousada, morto no mar com a espada na mão ¹⁴. A 3.7.1599 por grassar devastadora a peste em Guimarães não há eleições para a Santa Casa da Misericórdia. Nesta mesma capela é o único eleito para seu escrivão ¹⁵.

A humidade escorre pelas paredes da Capela de S. Braz, desde 1601 «Misericórdia Velha», por se fazer a nova noutro lugar. Mais um seu administrador baixa à terra: a 29.1.1604 depois de fazer testamento morre Fernando Afonso Leborão ¹⁶. Choram-no a mulher, os dez filhos, a espalhar pelos conventos ao serviço de Deus, pela Índia ao serviço da Pátria. Destacamos dois: O Padre Baltazar de Mesquita Leborão, nascido em 1588 ¹⁷, sucessor a seu pai, Vigário de Santa Maria de Silvaes de 1616 a 1617 ¹⁸, a ornar o altar desta capela com um frontal de chamalote vermelho e branco ¹⁹. e D. Ana Barbosa Correia. A 21.3.1609 em sua casa na Rua da Porta do Postigo do Campo da Feira, sua mãe Mecia Correia, dona viúva, contrata o seu casamento com Gregório do Amaral, «*f.º de Fernão de Freitas q esta em gloria cavaleiro fidalguo*» ²⁰.

O Padre Baltazar de Mesquita Leborão, deixa por testamento de 10.7.1663 esta capela onde se enterrará, a seu sobrinho o Padre António de Freitas

¹³ Não é mencionado pelos nobiliários, mas sim pelo Abade de Tagilde, nota 2.

¹⁴ Documento do Arq. Part. da Casa de Pousada, citado em *Velhas Casas*, V, da minha autoria, p. 48, nota 88.

¹⁵ «Instituição da Misericórdia desta muy nobre e antigua Villa de Guimarães e Cathalogo dos Provedores e escrivães q. até o presente tem servido nella», in *Boletim de Trabalhos Históricos*, vol. IV, p. 40.

¹⁶ Nota 2.

¹⁷ A 17.6.1662 faz-se na Colegiada o auto da «Inquirição de Genere do P.º João dos Guimarães Ferraz». Entre as testemunhas o P.º Baltazar de Mesquita Leborão declara ter 74 anos. In *Boletim de Trabalhos Históricos*, vol. V, p. 181.

¹⁸ Nota 2.

¹⁹ «Para a História da Colegiada de Guimarães. Visitações dos Arcebispos de Braga à Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira — entre os séculos XVI e XVIII». Visita de D. Afonso Furtado de Mendonça, Arcebispo e Senhor de Braga Primaz das Hespanhas, in *Boletim de Trabalhos Históricos*, vol. X, p. 36.

²⁰ «Dote que deu a snr.ª mecia barbosa dona v.ª a gregorio do amaral cõ a sr.ª Ana Barbosa sua f.ª». Livro de notas do Tab. João Bertoles (10-1-66), Arq. Mun. Alf. Pimenta.

de Carvalho do Amaral, Abade de Marecos, Penafiel ²¹, filho segundo de D. Ana Barbosa Correia. Entra assim este vínculo para os Senhores de Sezim e Casa Nova ²², os Freitas do Amaral, nome de glória na história de Guimarães. Não ouvem? É Gregório do Amaral, são seus irmãos, filhos e sobrinhos a batalharem na Guerra da Independência. É o seu tropel, ao toque de clarins e charamelas a entrar pela Galiza a aclamar D. João IV ²³. E a Capela de S. Braz, desde 1685, infelizmente caiada, limpa de toda a madeira e azulejo, bem esfregada, «*de modo a não aparecerem umas pinturas indecentes*» (frescos), conforme as ordens dadas na visitação de D. Luís de Sousa, Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Espanhas ²⁴, segue na geração dos Senhores de Sezim.

²¹ *Apontamentos para a História de Guimarães*, nota 2.

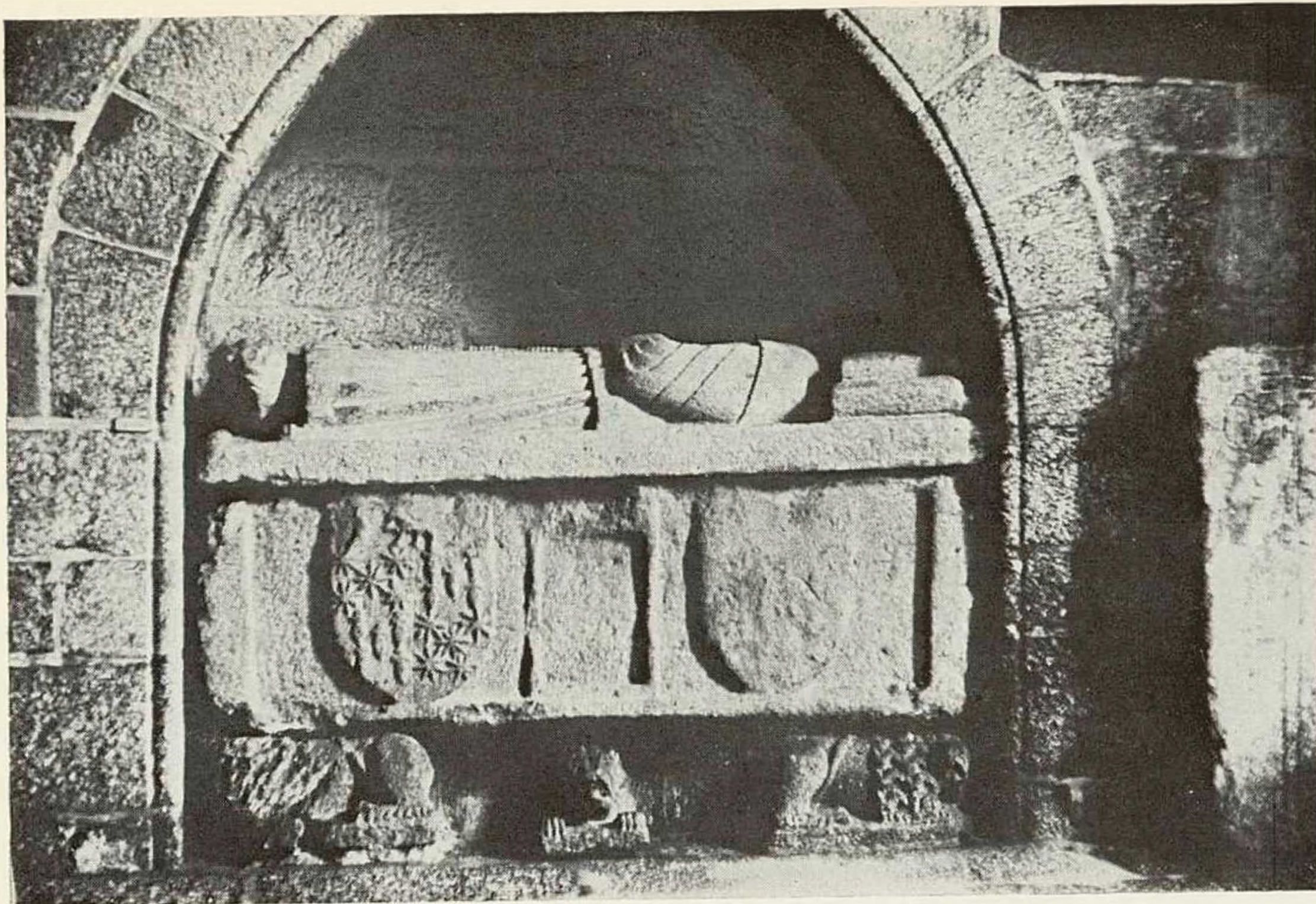
²² O vínculo de Casa Nova (casal do mesmo nome em Santa Maria do Outeiro, Cabeceiras de Basto), foi instituído em 1351 por testamento do cônego Gomes Lourenço. Nomeou seus herdeiros e testamenteiros aos irmãos, o cirurgião João Lourenço c. s. g. c. Maria Pires, e o cirurgião Martim Lourenço, juiz ordinário em Guimarães em 1356 e 1368 casado com Senhorinha Lourenço. De Martim Lourenço foi filha e herdeira Maria Martins, mulher de Afonso de Freitas. Tiveram estes 4 filhos: Senhorinha, Martim Afonso de Freitas, suc., João, a quem o avô deixa os livros de cirurgia e Maria. Martim Afonso de Freitas, senhor do vínculo da Casa Nova casou com Catarina Peixoto (abaixo). Na era de 1457 Martim Gil doa a sua quinta de Sezim a seu filho Afonso Martins, irmão do cônego da Oliveira, Baltazar Martins (Pergaminho do Arq. Part. da Casa de Sezim).

O vínculo de Sezim foi instituído em 1451 por Afonso Vasques Peixoto, Abade de Arões (seria oriundo da Casa de Pousada?) que o deixou a sua filha Catarina, casada com Martim Afonso de Freitas (acima). Tiveram: a Afonso Martins de Freitas, suc., pai de Fernão de Freitas, senhor destes morgadios, chanceler do Duque em terras de Entre Douro e Minho, casado com Beatriz da Costa. Tinha a alcunha de o «Beigudo», foi criado do Duque e esteve em Azamor. Tiveram: filha e herdeira, Filipa de Freitas casada com Afonso Rodrigues do Amaral, cavaleiro do Duque e seu chanceler, avós paternos de Gregório do Amaral, que, pelo seu casamento, uniu os vínculos de S. Brás, Sezim e Casa Nova reunidos num só por provisão régia de 27.9.1799, na pessoa de José de Freitas e Amaral e Mello, seu 3.º neto na varonia.

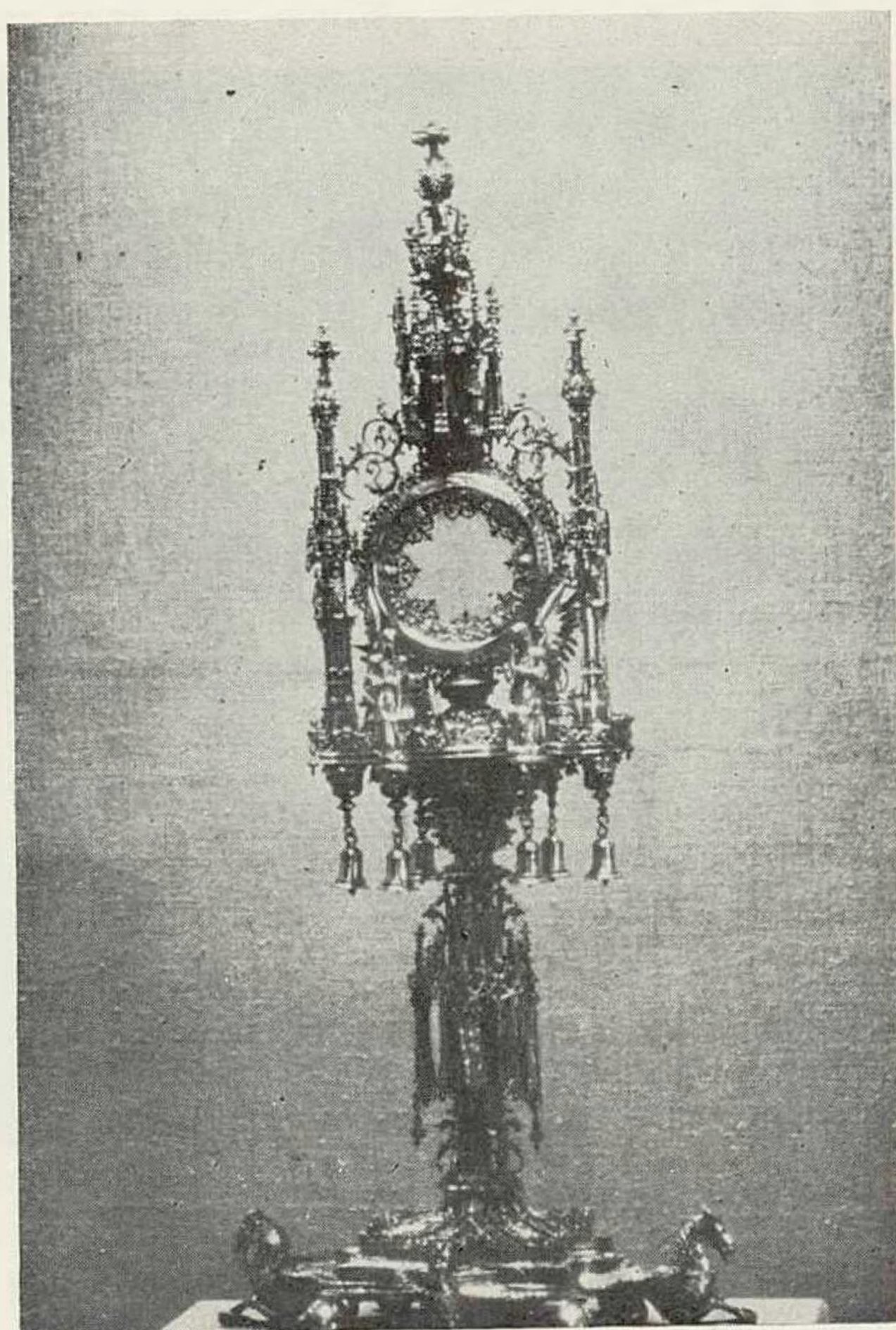
Estas duas últimas casas têm as suas sepulturas no jardim dos claustros da Colegiada, «nas costas da Capella do Santissimo Sacramento». São do século XV. Nelas, segundo a inscrição em gótico, está enterrado Fernão de Freitas, além de outros senhores de Sezim. V. *Apontamentos para a História de Guimarães*, in «Revista de Guimarães», vol. XXIV. Os dois arcos foram armoriados no séc. XVII com armas esquarteladas: Paes, Amaral, Freitas e Ferraz. Timbre: Amaral.

²³ V. *Apontamentos para a História de Guimarães*, Vínculo de Sezim, pelo Abade de Tagilde, in «Revista de Guimarães».

²⁴ *Ephemerides Vimaraneses*, de João Lopes de Faria.



Um túmulo na Capela de S. Braz
(Museu Alberto Sampaio)



Custódia do Cônego Gonçalo Anes
(Museu Alberto Sampaio)



Paramentos da Capela de Santo Estêvão
(Museu Alberto Sampaio)



Brazão de Pedro Cardoso do Amaral
(Museu Alberto Sampaio)

Escutem os brados, a 21.11.1787, de seu 7.º senhor, José de Freitas do Amaral, fechado no claustro da Colegiada por ordem do Tesoureiro-Mor. Chegara de manhã, ufano, com seus carpinteiros, «*para reedificar e mudar a sua Capela de S. Braz, sem licença do Cabido*». Trancado, consegue livrar-se apanhando o Tesoureiro distraído. Presos ficam os carpinteiros até um cônego os injuriar e espantar com um machado. Tentem vê-la de pais para filhos, por vezes de tios para sobrinhos, com o seu tríptico, a imagem de S. Braz, as suas missas. Representa-a hoje D. Júlia Maria Henriqueta de Mello Sampayo, Baronesa de Pombeiro de Riba Vizela, casada com D. Caetano Henriques Pereira e Faria e Lancastre (Alcaçovas). Mas já outra capela, de há muito desaparecida, a de Santa Catarina Mártir, nos chama e convida a dela falar.

CAPELA DE SANTA CATARINA MÁRTIR

Estava encostada à parede da Capela do Santíssimo Sacramento, para a parte sul. Quem quer ver, sentir, apalpar todas as mercadorias chegadas a Guimarães nos princípios do século XVI? São panos e panos de linho, de algodão, estôpas, burel, feltros, espadas e alforjes, caixas e caixas de açúcar. João Lopes da Ramada, mercador, com elas negoceia e enriquece. Institui na Colegiada a Capela de Santa Catarina Mártir anexando-lhe um morgadio. Compra, com certeza entre muitos outros, o Casal das Cortinhas em S. Tomé de Abação a 31.12.1502²⁵.

Ao darem com um mercador, esquecidos que a fidalguia tem sempre um começo e que a glória do Reino, como sempre os Reis souberam elevando quem merece, é obra de todos, recuam os linhagistas. Tratam de o apagar, de o ligar à nobreza, de confundir a sua geração. Assim fazem com João Lopes da Ramada. Tecem com fios de fantasia, bem diferentes dos de linho e estopa, os panos de armas a uni-lo a Monsieur de la Roche, lendário progenitor dos Rochas²⁶. Sem dados para o averiguar, mostraremos quem

²⁵ «Carta de compra do Casal das Cortinhas, freg.^a de S. Tomé de Abação. Vendedores Aires Batalha escudeiro e Leonor Gil de Sande. Comprador João Lopes da Ramada, mercador em Guimarães. Feita na Qt.^a de Gominhães, freg.^a de S. João das Caldas, aonde veio aquele 1.º, pelo tabelião João de Meira (?) a 31.12.1502». Doc. n.º 31 do «Índice» citado na nota 3.

²⁶ *Nobiliário das Famílias de Portugal*, de Felgueiras Gayo, vol. XXV, Rochas & 4. Começa com Monsieur de la Roche, que diz ter estado na tomada de Silves no reinado de D. Afonso III, pai de D. Gomes da Rocha, Comendatário de Pombeiro e Bispo de

foram e o que fizeram seus descendentes, administradores da Capela de Santa Catarina.

Aparece-nos primeiro Salvador Lopes, cavaleiro. Com voz triste conta a viagem do «Santa Cruz», da Madeira para a Flandres em Janeiro de 1515. Roubado e atacado à vista da costa pelo «*mão sr de Maly vassalo d'el Rei de França*», furtam-lhe «*quarenta e três arrobas de assucar*», que mandara vender na Flandres²⁷. Tabelião e Cavaleiro toma posse a 22.4.1523 dos «*jazigos e capela e altar de Santa Catarina*» por «*terra e pedra*»²⁸. Tem vários filhos. Um, que os genealogistas fazem seu tio²⁹ é Gaspar Lopes da

Tripoli, de quem foi filho Lopo Fernandes da Rocha ou Salvador Lopes da Rocha casado com Ana Gonçalves. À margem diz: «Lopo Fernandes da Rocha era Lopo Fernandes da Ramada assim chamado por viver na Rua da Ramada em G.^{es} cujo apelido trocou pelo de Rocha, era escudeiro de D. João II».

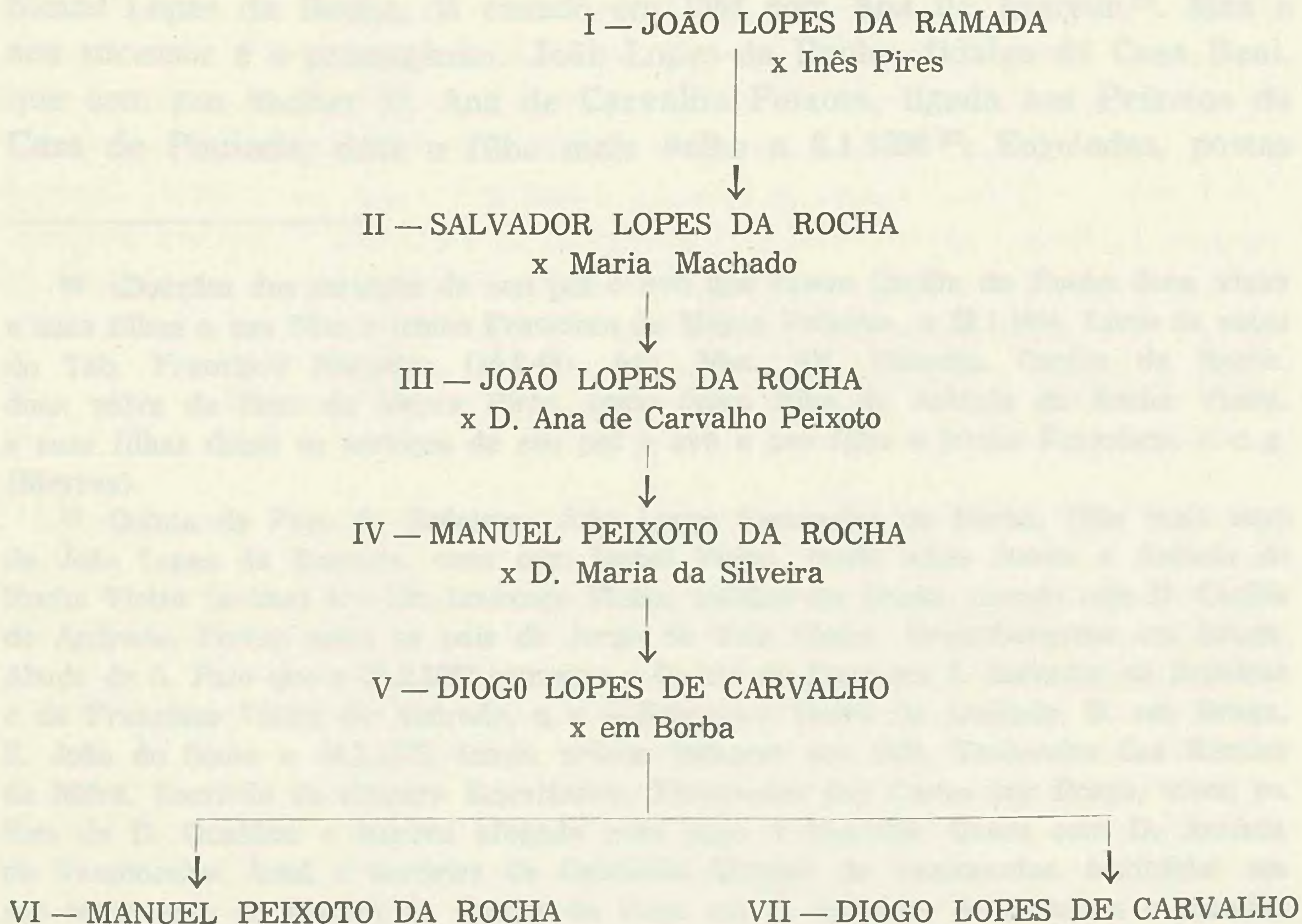
Os duzentos e tal anos que medeiam entre os reinados de D. Afonso III e D. João II parecem-me tempo demasiado para neles só ter havido 3 gerações de Rochas, como afirma este nobiliário. Acrescenta ainda: «Lopo Fernandes da Rocha foi pai de João Lopes da Rocha ou da Ramada instituidor duma capela em G.^{es}». Na *Pedatura Lusitana*, vol. I, tomo I, p. 169, Alão de Moraes, diz que os Rochas de Guimarães procedem de algum dos vinte e tantos filhos de D. Gomes da Rocha ou de Pedro Fernandes da Rocha, o Castelhana, grande letrado. Dá-lhes princípio com Lopo Fernandes da Rocha ou da Ramada, escudeiro e vassalo del Rei D. João II, pai de João Lopes da Rocha.

²⁷ «Livro dos Roubos q os francezes fizeram aos moradores desta vila de guimarães e seu termo» (Torre do Tombo, Corpo chronologico, 1.^a parte, m. 50, doc. n.º 31), editado e proemiado por Alfredo Pimenta, Guimarães, 1940, p. 10.

²⁸ O Bispo do Funchal, Primaz da Índia, Prior de Santa Maria de Oliveira dá a 2.11.1523 a Salvador Lopes «escudeiro e tabelião», para ele, sua mulher e herdeiros, os jazigos e sepulturas em que jazem seu pai e mãe «que estão ante o altar de Santa Catarina». A 22.4.1523, Salvador Lopes, toma posse por «terra e pedra», dos jazigos, capela e altar. Doc. transcrito por João Lopes de Faria, in *Velharias da Colegiada de Guimarães*, vol. VI, p. 40v. Estes Manuscritos do grande paleógrafo e estudioso que foi João Lopes de Faria, encontram-se na Sociedade Martins Sarmento.

²⁹ Nos nobiliários, Gaspar Lopes da Rocha, Corregedor em Miranda, vem como filho de Lopo Fernandes da Rocha e irmão de João Lopes da Ramada. Sua filha Beatriz Lopes da Rocha declara em seu testamento, feito a 6.5.1642: «Manuel da Rocha Peixoto (bisneto de João Lopes da Ramada) era filho dum irmão do pai dela testadora e ao dito Manuel da Rocha e a seu filho pertencia directamente Castelo Massoulo» (Livro de notas do Tab. Francisco Peixoto de Carvalho (12-3-42), Arq. Mun. Alf. Pimenta). Prova este documento que Gaspar Lopes de Carvalho, bacharel e já casado com uma filha de João Afonso dos Quintos em 1551 («Cer.^{tam} do dote do D.^{or} Gonçalo Vaz Peixoto p.^a cazar com Magdalena de Carvalho», in *Velhas Casas*, V) era filho de Salvador Lopes da Rocha e não seu tio. Sobre Beatriz Lopes de Carvalho, seu marido Pedro Vieira da Maya e Morgadio em S. Francisco, v. *Velhas Casas*, V, nota 176.

CAPELA DE SANTA CATARINA



a um canto as peças de linho, de estopa, de algodão dos Ramadas, agora de há muito armoriados de Rochas.

Vivem os filhos de João Lopes da Rocha em Vila Viçosa, Côrte do Senhor D. Teodósio II. Fora as senhoras são três: Salvador Lopes de Carvalho, Camareiro do Senhor D. Duarte, Moço da Câmara do Duque³³, Paulo da Rocha, Moço de Chaves do Senhor D. Teodósio e Manuel Peixoto da Rocha, Cavaleiro de Cristo, Familiar do Santo Ofício, Fidalgo da Casa do Duque, Senhor da Capela de Santa Catarina «*que tem por armas duas ventosas*». Nascido em 1579, começa em 1618 a venda, desde Vila Viçosa, dos seus bens no norte³⁴. Há música, há arte na côrte do pai do futuro Rei D. João IV. Acolhida à sombra do Duque desabrocha mais uma geração dos Lopes da Rocha, filhos de Manuel Peixoto³⁵. Com seus netos: Manuel Peixoto da Rocha como o avô e Diogo Lopes de Carvalho³⁶, últimos administradores, morre a Capela de Santa Catarina. Passa para a Irmandade de Santa Ana, muda de invocação, até que uma das muitas reformas da Colegiada a desfaz a destrói.

Manuel da Rocha Peixoto para casar com Isabel de Morgade, filha de Cosme do Canto já falecido e de sua mulher Maria Salgado. Livro de notas do Tab. Cristóvão de Azeredo (12-2-45), Arq. Mun. Alf. Pimenta. Ignoro se este casamento se realizou.

³³ *Mercês de D. Teodósio II, Duque de Bragança*, Fundação da Casa de Bragança, MCMLVII, p. 63. Exerceu o cargo de 23.12.1587 a 28.3.1589.

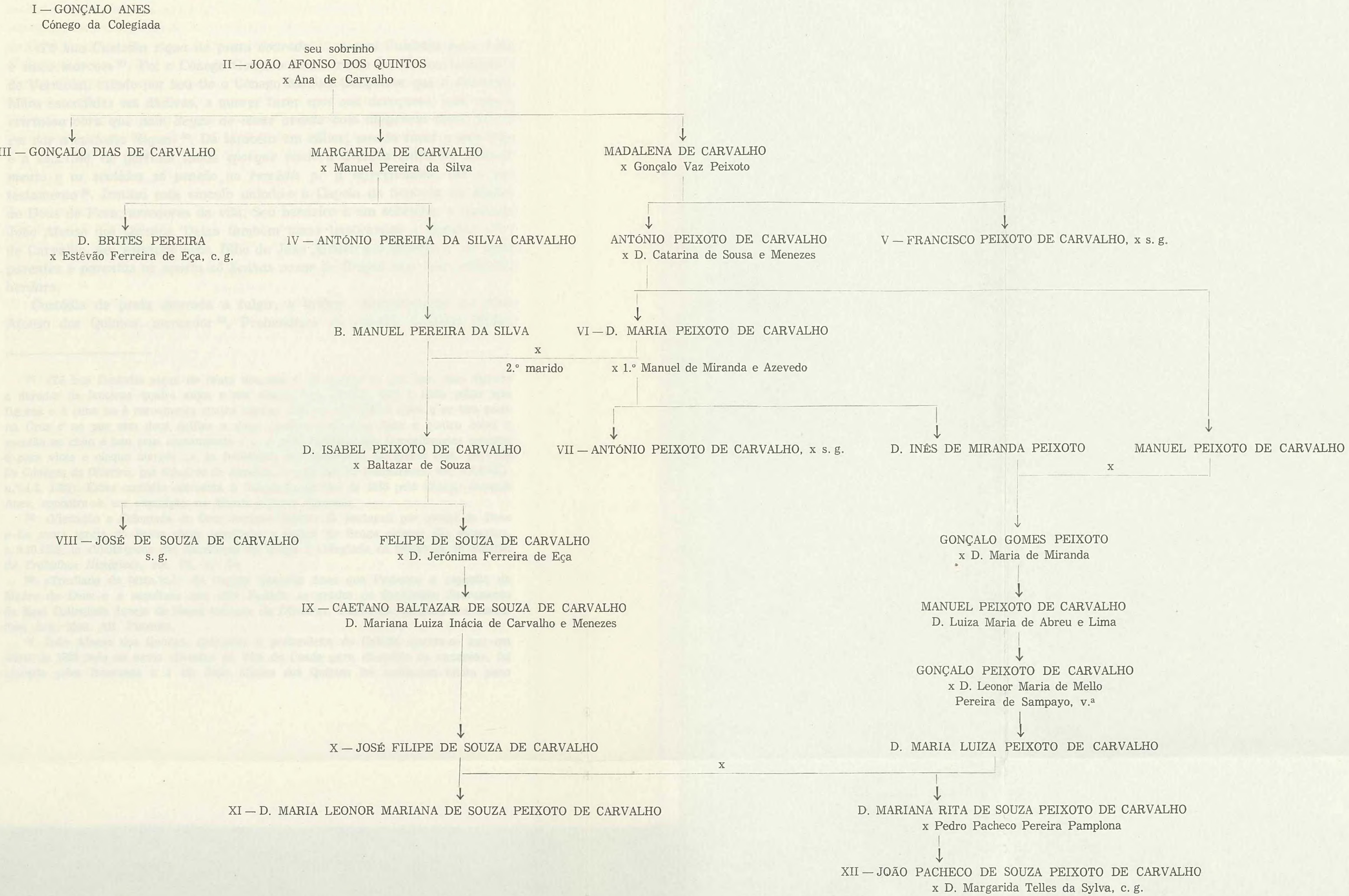
³⁴ «Venda de Manuel Peixoto da Rocha morador em Vila Viçosa com autorização de sua mulher D. Maria da Silveira», a 23.5.1618, da Quinta da Ribeira, S. Martinho de Fareja, que era de sua tia Camila Lopes. Livro de notas do Tab. Mateus de Freitas (12-3-25), Arq. Mun. Alf. Pimenta.

³⁵ Foram seus filhos: Bernardo, assassinado em Vila Viçosa, Luís e Constantino, s. g., D. Ana e D. Leonor, freiras, e Diogo Lopes de Carvalho, casado em Borba, c. g.

³⁶ *A Pedatura Lusitana*, vol. V, tomo I, p. 173 em Rochas diz: «6 Diogo Lopes de Carvalho, filho primeiro do sobredito, casou em Borba com D. Maria ... e teve 7 Diogo Lopes de Carvalho 7 Manoel Peixoto».

A *Corografia Portuguesa* do P.^e Carvalho da Costa, trás na p. 770: «O Morgado que instituiu João Lopes da Ramada com capella de Santa Catharina Martyr na Real Colegiada, que he hoje de Santa Anna. São administradores delle Diogo Lopes de Carvalho e seu irmão Manuel Peixoto da Rocha, moradores em Vilaviçosa: tem casas na rua dos Pasteleiros que emprazarão». O mesmo dizem as *Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães* (1692). No «Inventário Geral dos Benefícios, Capelas, Sepulturas & da Colegiada», feito em 1665 (1-2-13, Arq. Mun. Alf. Pimenta): «abaixo da Capella de Santa Anna estão duas sepulturas que são de Manoel Peixoto da Rocha e tem por armas duas ventosas».

CAPELA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO



CAPELA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO

«Tê hua Custodia riqua de prata dourada ... a qual Custodia peza vinte e sinco marcos»³⁷. Foi o Cónego Gonçalo Anes, irmão de Helena Gonçalves de Vermoim, criado por seu tio o Cónego Manuel Gonçalves que a ofereceu. Mãos estendidas em dádivas, a querer fazer «por sua devoçam», esta capela «virtuosa obra que nam deyre de levar avante com diligencia como ja fez em dar a custodia Riqua»³⁸. Dá também um cálice, manda fazer o sacrário, e a 22.2.1540, de perfeita saúde «porque vindo a doenssa então ho entendimento e os sentidos só pensão no remédio p.^a a infermidade», faz o seu testamento³⁹. Institui este vínculo unindo-o à Capela da Senhora da Madre de Deus de Fora, arredores da vila. Seu herdeiro é um sobrinho, o opulento João Afonso dos Quintos. Deixa também umas lembranças a Gonçalo Dias de Carvalho, seu sobrinho neto, filho de João Afonso dos Quintos e «os mais parentes e parentas os aparta cõ Senhas varas de Bragal sem mais poderem herdar».

Custódia de prata dourada a fulgir, a brilhar. Magnificência de João Afonso dos Quintos, mercador⁴⁰, Prebendeiro do Cabido, a quem El-Rei

³⁷ «Tê hua Custódia riqua de prata dourada e na maçaa do pee tem duas figuras e daredor da lanterna quatro anjos e nos pilares das ilhargas tem ã cada pillar tres figuras e ã cima no ã coroamento quatro figuras com hu crucifixo ã cima q se tira posto na Cruz e no pee tem dous delfins e dous cavallos com suas Azas e quatro bolas q asentão no chão e tem seus coroamentos / ... A qual Custódia deu Gonçalloannes coneguo e peza vinte e cinco marcos ...», in *Inventário do Tesouro da Colegiada* (ms. pub. em *Os Cónegos da Oliveira*, por Eduardo de Almeida, in «Revista de Guimarães», vol. XXXVIII, n.º 1-2, 1928). Estas custódia oferecida à Colegiada no ano de 1535 pelo Cónego Gonçalo Anes, encontra-se em exposição no Museu Alberto Sampaio.

³⁸ «Visitação a Colegiada de Dom Anrique Infante de portugall por mercê de Deus e da santa igreja de Roma eleito arçebispo e senhor de Braga primaz das espanhas, a 9.10.1538, in «Visitações dos Arcebispos de Braga à Colegiada da Oliveira», in *Boletim de Trabalhos Históricos*, vol. IX, n.º 3-4.

³⁹ «Tresllado do testa.m.t.º do Conigo Gonçallo Anes que Pertence a cappella da Madre de Deus e a sepultura que esta Pegada as grades do Santissimo Sacramento da Real Collegiada Igreja de Nossa Senhora da Oliveira». Tombo do Morgado dos Carvalhos, Arq. Mun. Alf. Pimenta.

⁴⁰ João Afonso dos Quintos, mercador e prebendeiro do Cabido, queixa-se que em Abril de 1525 indo no navio «Bretão» de Vila do Conde para «tanarife da canarea», foi atacado pelos franceses e a ele João Afonso dos Quintos lhe roubaram muito pano

D. Manuel pede dinheiro para a epopeia da Índia ⁴¹, ligado por casamento à família dos Carvalhos ⁴². Figuras de prata, sérias, compostas, graves. É o Dr. Gonçalo Dias de Carvalho, Doutor em Cânones, Desembargador da Casa da Suplicação, Deputado da Mesa da Consciência, Desembargador dos Agravos da Casa do Cível, do Paço e da Casa d'el Rei a instituir outro morgadio na Sala do Capítulo em S. Francisco onde tem seu jazigo ⁴³. Graça da prata trabalhada em beleza, serenidade não apagada pelo tempo,

de linho e estopa e «peças de panos de vilagees e leteiro e burrel e marçaria». O mesmo aconteceu a outro navio na rota das Canárias para a Flandres, onde a ele lhe roubaram 55 arrobas de açúcar. V. *Livro dos roubos q os francezes fizeram*, p. 25 citado na nota 27.

⁴¹ «João Afonso chamado dos Quintos, a quem El Rei D. Manuel muito honrava e quando lhe escrevia o nomeava por fidalgo da sua casa e assim se vio em uma carta sua escrita hum anno antes q Vasco da Gama partisse p.^a a India na qual lhe pedia emprestados doze mil cruzados em ouro, dizendo nella que lhos pagaria dentro de hum anno e consta do Testamento com q morreo João A.^o dos Quintos emprestar a El Rey D. Manuel o dito dr.^o porq. encomenda nelle a seus herdeiros cobrem do dito Rey a demazia delles quando por sua vontade ele lhes queira pagar e de outra maneira não porque tinha recebido dele muitas mercês e honras». In *Nobiliário* do P.^e Torcato Peixoto de Azevedo, ms. do qual existe 1 vol. na Soc. Martins Sarmento.

⁴² Era casado com Ana de Carvalho, irmã do Dr. Gaspar de Carvalho, senhor de Abadim e Negrelos, filha de Gonçalo Dias Patagana e de sua mulher Brites Lopes de Carvalho. Como vimos acima, de suas filhas Margarida de Carvalho casada com Manuel Pereira da Silva e Madalena de Carvalho mulher de Gonçalo Vaz Peixoto (bisneto por sua avó paterna de Diogo Afonso de Carvalho e mulher, v. abaixo), descendem os senhores da Capela do Santíssimo Sacramento. Uma de suas outras filhas, Filipa de Carvalho foi casada com Gaspar Lopes da Rocha, filho 2.^o dos senhores da Capela de Santa Margarida.

Ana de Carvalho era irmã de Isabel de Carvalho, mulher de Pedro Cardoso do Amaral, instituidores e senhores da Capela de Nossa Senhora da Conceição, tia de Brites Lopes de Carvalho (filha de sua meia-irmã, D. Maria Nunes de Carvalho e marido João Vieira) mulher do Dr. João de Valadares, senhor da Capela de S. Luís; tia-avó de Gregório do Amaral, senhor da Capela de S. Braz (neto materno de sua irmã Leonor de Carvalho casada com Diogo Rebelo de Meireles).

O parentesco com Ana de Carvalho Peixota mulher de João Lopes da Rocha é mais remoto. Ana de Carvalho Peixota é bisneta por sua avó materna de Diogo Afonso de Carvalho casado com Branca Pinheiro, irmão de Gonçalo Afonso de Carvalho, trisavô de Ana de Carvalho. Ainda mais longínqua é a relação com Brites Mendes de Carvalho, mulher de Fernão de Mesquita e mãe do Cónego Francisco de Mesquita (Capela de Jesus) e de Rui Mendes de Mesquita (Capela de Santo Estêvão) e terceira neta de João Roiz de Carvalho, irmão de Lourenço Roiz de Carvalho, 4.^o avô da mãe de Ana de Carvalho. Só com a Capela de Gonçalo Francisco e com a dos Pinheiros, embora Branca Pinheiro mulher de Diogo Afonso de Carvalho seja irmã de Isabel Pinheiro casada com Pedro Esteves, é que não encontro parentesco por este costado de Carvalhos.

⁴³ V. *Velhas Casas*, V, nota 57.

doçura das damas de antanho, Margarida de Carvalho, irmã do Dr. Gonçalo Dias de Carvalho, mulher de Manuel Pereira da Silva, Fidalgo Cavaleiro, mãe do sucessor do vínculo António Pereira da Silva de Carvalho.

Anjos «*ao derredor da Lanterna*» rezam por António Pereira da Silva de Carvalho, Fidalgo de Sua Magestade, cativo em Alcácer Quibir, Senhor deste Morgadio, a «*durar até ao fim do Mundo sem se poder alhear nem escambar nem que seja para Resgate do possuidor dele*», e que um dia virá descansar para a sua Capela em S. Francisco ⁴⁴. Cavalos alados no pé da Custódia. O sonho, a grandeza de quem alto voa. Ormuz, Ceilão, as armadas, Diu, Chaul, aí se batem e morrem os filhos de António Pereira. Sobrevive um, legitimado em 1612 ⁴⁵, Manuel Pereira da Silva, senhor por mercê Régia da Fortaleza de Diu, Fidalgo d'el Rei. Mas o Morgadio dos Carvalhos, a excluir bastardos, vai para seu primo Francisco Peixoto de Carvalho, da Casa de Pousada em Azurém, neto de outra irmã do Dr. Gonçalo Dias de Carvalho.

Tangem as campânulas da custódia a repetir a história já por mim contada: a chegada de Taná, Índia, de D. Maria Peixoto de Carvalho, para tomar posse dos bens e vínculo de seu tio Francisco. Viúva de Manuel de Miranda, morto em Moçambique, vem com dois filhos pequeninos, agora livre para cumprir uma das cláusulas do testamento: «*casar com seu primo Manuel Pereira da Silva*». A cara ameaçadora do delfim a suportar a custódia, move-se em esgares convulsos, questões entre mãe, filhos e padrasto; só soam outra vez as campainhas com o nascimento em Novembro de 1631, de D. Isabel, filha de Manuel Pereira da Silva e mulher D. Maria Peixoto de Carvalho. Casará a 28.4.1657 com Baltazar de Sousa, Alcaide-Mor de Vila Pouca de Aguiar, nela seguirá a geração. E quando seu bisneto José Filipe de Sousa de Carvalho, sucessor, casa com sua prima D. Maria Luísa Peixoto de Carvalho, Senhora do Solar de Pousada, unindo duas grandes casas, hoje representadas por Manuel António Maria Pacheco Pereira, toda a maravilhosa jóia do Cónego Gonçalo Anes, brilha, cintila, faísca em mil cambiantes ⁴⁶.

Ajoelhemo-nos por segundos nesta Capela do Santíssimo Sacramento, voltemos ao claustro, Museu Alberto Sampaio.

⁴⁴ *Ibid.*

⁴⁵ «Legitimação q faz ant.º pr.ª a seu f.º m.º pr.ª». Em suas pousadas na Rua de Santa Maria a 19.7.1612, António Pereira da Silva, F. C. R., legitima a Manuel Pereira da Silva, seu filho e de uma mulher solteira. Livro de notas do Tab. João Bertoles (10-1-67), Arq. Mun. Alf. Pimenta.

⁴⁶ V. *Velhas Casas*, V.

CAPELA DE S. LUÍS

É de granito o único túmulo que resta da Capela de S. Luís, também conhecida por Altar da Piedade, morgadio dos Valadares. A capela vinha pelo menos dos começos do século XIV. Na inscrição da sepultura uma data: 1550, as linhas são da renascença clássica. Estudada pelo Abade de Tagilde nos *Vínculos* ⁴⁷, desde a instituição à representação actual, a mesma que a dos Barões de Ribeira de Pena, apenas daremos uma breve volta por onde viveram os seus possuidores: ruelas estreitas da antiga vila, agrestes caminhos entre o Alvão e o Barroso, o mundo imenso que foi português.

Fins de mil e quinhentos, Rua de Santa Maria. Não longe de seus remotos parentes os Rebelos de Valadares ⁴⁸, vive o Dr. João de Valadares, senhor do vínculo, Desembargador dos Agravos, Juiz da Correição e sua mulher Brites Lopes de Carvalho, dos Morgados dos Vieiras. Aí morre em 1626, seu primogénito o Licenciado Sebastião de Valadares ⁴⁹, genro do cirurgião Manuel Monteiro. S. Bartolomeu de Vila Cova, Fafe, pousadas de Manuel Vieira de Valadares, marido de Francisca dos Guimarães de Azeredo ⁵⁰.

Antiga Rua dos Fornos, porta armoriada de Valadares em chefe. Casa onde viveu Mariana de Valadares, filha do Licenciado Sebastião, recebida a 2.7.1620 com Bartolomeu Mendes de Vasconcelos, advogado, filho do Tabelião João Bertoles ⁵¹. Casa dos Valadares Vasconcelos, por vezes senho-

⁴⁷ V. nota 2. Vínculo de S. Luís, p. 170. Este vínculo foi extinto por provisão régia de 1.5.1772 (Torre do Tombo, Chanc. de D. José, L.º 76, p. 152, obra acima citada).

⁴⁸ Estes Rebelos de Valadares viviam na Rua de Santa Maria. Tinham «hum tumulo alto metido na parede debaixo da escada q vai p.ª o coro de sima junto da Cappella dos Pinheiros com um escudo em branco e um letreiro: Aqui jaz Ines de G.^{es} mulher do Ld.º João de Valadares, bisneta de Martinho de G.^{es}, filho de D. Fernando da Guerra Bisneto do Rey D. Pedro o Cru e da Sr.ª Ines de Castro a qual faleceo a oito de setembro de 634». Este túmulo ainda existe e a representação destes Valadares, que muito se ilustraram na Índia, caiu mais tarde na Casa dos Laços. V. *Velhas Casas*, IV, Casa dos Laços, pp. 23 e 64.

⁴⁹ Misto 2 Oliveira, Arq. Mun. Alf. Pimenta.

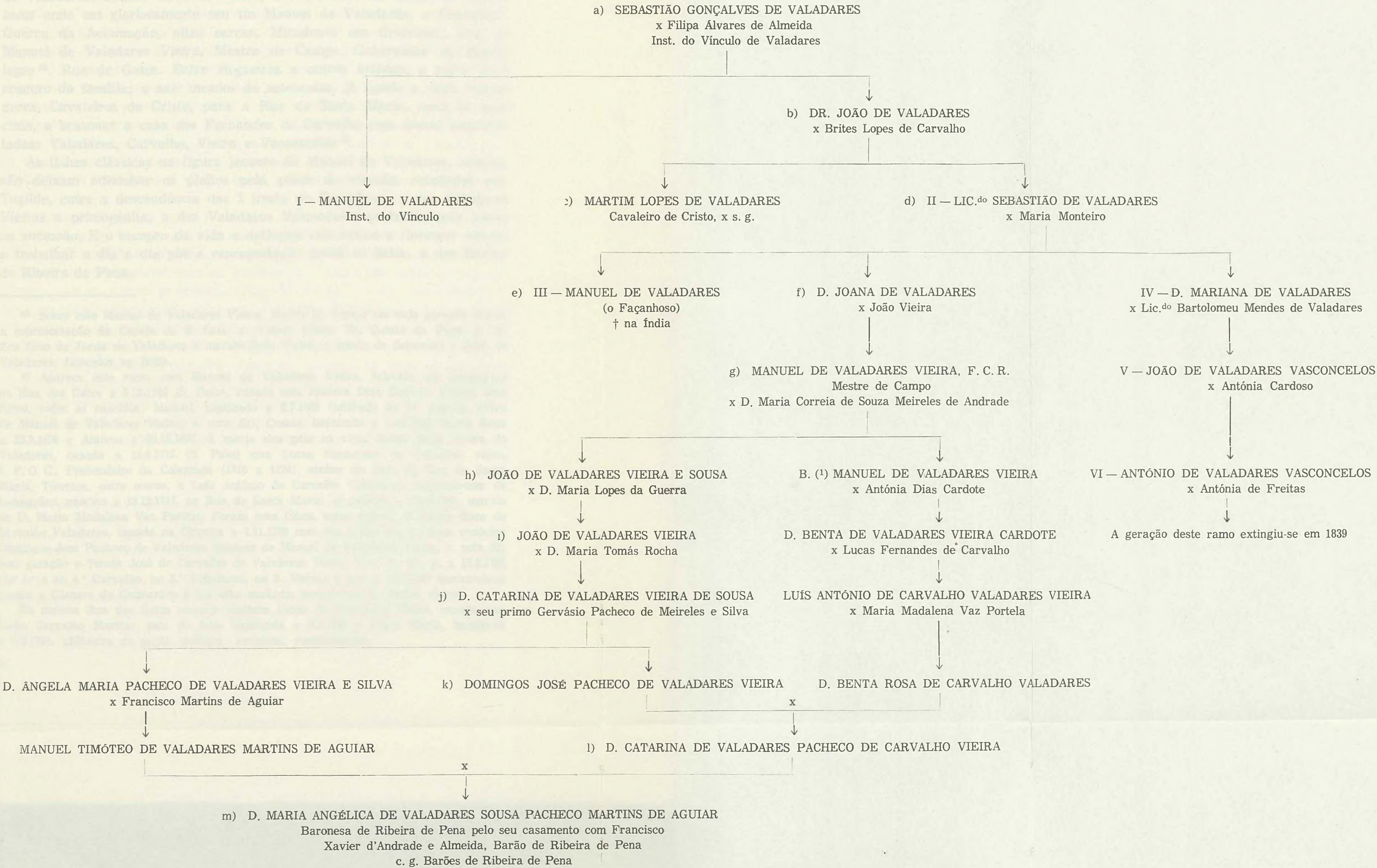
⁵⁰ A 25.1.1599 na freguesia de S. Bartolomeu de Vila Cova em sua casa, Manuel Vieira de Valadares faz uma nomeação a sua mulher Francisca de Guimarães de Azeredo. Livro de notas do Tab. Francisco Vaz de Faria (12-2-56), Arq. Mun. Alf. Pimenta. Desconheço o seu grau de parentesco com os outros.

⁵¹ Misto 2 Oliveira. Para a sua descendência v. nota 47.

CAPELA DE S. LUÍS

Vínculo de S. Luiz = I

Vínculo de Valadares = a



(1) Inf.^a do Ex.^{mo} Sr. Barão de Ribeira de Pena.

res do vínculo, onde ficam até secar este ramo, por 1800, já depois da extinção do morgadio. Ribeira de Pena, sopé da montanha: Valadares Vieira, oriundos do matrimónio doutra filha do Licenciado Sebastião, Joana de Valadares, mulher de João Vieira, a baterem-se na Índia, na mesma Índia onde cai gloriosamente seu tio Manuel de Valadares, o Façanhoso. Guerra da Aclamação, altas serras, Miradouro em Creixomil, ecos de Manuel de Valadares Vieira, Mestre de Campo, Governador de Montalegre ⁵². Rua de Gatos. Entre sirgueiros e outros artistas, o ramo mais obscuro da família; a sair meados de setecentos, já ligado a ricos mercadores, Cavaleiros de Cristo, para a Rua de Santa Maria, mais lá para cima, a brasonar a casa dos Fernandes de Carvalho com armas esquarte-ladas: Valadares, Carvalho, Vieira e Vasconcelos ⁵³.

As linhas clássicas na figura jacente de Manuel de Valadares, sóbrias, não deixam adivinhar os pleitos pela posse do vínculo, estudados por Tagilde, entre a descendência das 2 irmãs do Façanhoso: a dos Valadares Vieiras a primogénita, a dos Valadares Vasconcelos preferida pelo irmão na sucessão. E o escopro da vida a extinguir uns ramos a florescer outros, a trabalhar o dia a dia põe a representação numa só linha: a dos Barões de Ribeira de Pena.

⁵² Sobre este Manuel de Valadares Vieira, Mestre de Campo em cuja geração seguiu a representação da Capela de S. Luís, v. *Velhas Casas*, IV, Quinta do Paço, p. 77. Era filho de Joana de Valadares e marido João Vieira, e irmão de Sebastião e João de Valadares, falecidos na Índia.

⁵³ Aparece este ramo com Manuel de Valadares Vieira, falecido em Guimarães na Rua dos Gatos a 5.12.1749 (S. Paio), casado com Antónia Dias Cardote. Foram seus filhos, todos aí nascidos: Manuel, baptizado a 6.7.1691 (afilhado de D. Ângela, viúva de Manuel de Valadares Vieira, v. nota 52), Cosme, baptizado a 1.10.1692, Benta Rosa a 23.8.1694 e António a 20.12.1697. À morte dos pais só vivia Benta Rosa Vieira de Valadares, casada a 15.6.1715 (S. Paio) com Lucas Fernandes de Carvalho, viúvo, C. P. O. C., Prebendeiro da Colegiada (1716 a 1728), senhor da casa da Rua de Santa Maria. Tiveram, entre outros, a Luís António de Carvalho Valadares, Sargento-mor de Guimarães, nascido a 18.12.1717, na Rua de Santa Maria, aí faleceu a 19.10.1781, marido de D. Maria Madalena Vaz Portela. Foram seus filhos, entre outros: D. Benta Rosa de Carvalho Valadares, casada na Oliveira a 4.11.1780 com seu primo em 4.º grau canónico Domingos José Pacheco de Valadares (bisneto de Manuel de Valadares Vieira, v. nota 52) com geração e Tomás José de Carvalho de Valadares Vieira, F. C. A., Br. p. a 15.9.1791 (no 1.º e no 4.º Carvalho, no 2.º Valadares, no 3.º Vieira) e que a 12.8.1789 queixando-se contra a Câmara de Guimarães é por esta multado, acusando-o de muitos vícios.

Na mesma Rua dos Gatos morava também Diogo de Valadares Vieira, casado com Luísa Carvalho Martins, pais de Ana, baptizada a 9.2.1702 e Clara Maria, baptizada a 6.3.1704, afilhadas de gente modesta: serieiros, sombreireiros.

CAPELA DO SENHOR JESUS

Queremos silêncio, luz coada por vitrais, paz. Entremos na Capela do Senhor Jesus «*que está da parte do Evangelho da Capela-Mor, dada pelo Senhor Dom Duarte da Serenissima Casa de Bragança ao Cónego da Colegiada Francisco de Mesquita que a anexou a hum Morgado que instituiu em Guimarães a que também anexou seus terços Brites Mendes de Carvalho*»⁵⁴, sua mãe. Silêncio? Por entre as paredes, pela «*craridade*» da janela reparada em 1538 com adufas por Rui Mendes de Mesquita⁵⁵, companheiro do Infante D. Luís nas jornadas de Tunes, entram muitas vozes, o tumulto da multidão. Encostados às grades da capela «*iguais às das do Santissimo Sacramento*»⁵⁶, guiados pela investigação do Dr. João de Meyra, escutemos⁵⁷.

1581 — «Vem aí o Senhor Dom António! Vem aí o Rei! Vem aí o nosso Rei». Consertam-se as muralhas, tapam-se as portas. Fogem o alcaide, as autoridades, «*todos os que tomaram voz por Sua Católica Magestade*». Embora se saiba «*para que lado tombam as suas inclinações e as dos seus familiares*» não foge o Cónego Mesquita. Insurge-se contra os que querem tapar a Porta da Garrida, pegada a sua casa. Para poder fugir em caso de perigo? Para deixar entrar os castelhanos? Reúnem-se as vozes na «*crasta da Colegiada*», exigem, querem, a Porta é fechada. Ao repique dos sinos, «*a modo de guerra*», vai o povo sob o comando do fidalgo António Machado de Almada no alcance do Alcaide e demais partidários. Alvo de «*remoques, vigias, insultos e tambores*», o Cónego Mesquita vê da janela, as bandeiras dos seus sobrinhos, as que marcharam contra o Prior do Crato serem passeadas em desgraça pelas ruas da vila.

⁵⁴ *Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães*, p. 54. Esta doação vem transcrita nas *Velharias da Colegiada Vimaranesa*, ms. de João Lopes de Faria, vol. VI, p. 159: «Doação da capella de Jesus a Francisco de Mesquita em que seu pay fernão de mesquita e may delle suplicante jazem enterrados e mandaram fazer certas cousas na dita cappella.

⁵⁵ «Visitações dos Arcebispos de Braga à Colegiada da Oliveira», v. nota 38.

⁵⁶ Estas grades que já não existem deviam ter sido maravilhosas, a julgar pelas que ainda há na própria Colegiada e por aqui e ali em Guimarães.

⁵⁷ *Subsídios para a História Vimaranesa no tempo do Prior do Crato*, I e II, publicados por João de Meyra, Porto, Tip. de A. J. da Silva Teixeira, Suc., 1912.

CAPELA DO SENHOR JESUS

FERNÃO DE MESQUITA
x Brites Mendes de Carvalho

I — FRANCISCO DE MESQUITA
Cónego da Colegiada

RUI MENDES DE MESQUITA
x D. Maria da Silva

B. LOPO DE MESQUITA

II — B. SALVADOR DE MESQUITA

III — FRANCISCO CARVALHO DE MESQUITA

D. MARIA DA SILVA
x António de Souza Alcoforado

JOÃO DE SOUZA DA SILVA ALCOFORADO, o Taful
D. Maria de Almada

IV — RODRIGO DE SOUZA DA SILVA ALCOFORADO
x D. Helena de Seabra

V — FRANCISCO DE SOUZA DA SILVA
x D. Gabriela de Almeida

VI — RODRIGO DE SOUZA DA SILVA
D. Isabel Francisca Marinho Lobera

VII — FRANCISCO FILIPE DE SOUZA ALCOFORADO
D. Rosa Maria Viterbo de Lancastre

VIII — RODRIGO DE SOUZA DA SILVA ALCOFORADO
1.º Barão de Vila Pouca
x D. Maria José de Carvalho e Nápoles, c. g.

«*Vestido de verde*» desembarca no Porto El-Rei D. António. Logo a Guimarães chega a sua devassa. — «Que entregue as armas! Que entregue a pólvora que queria passar ao inimigo!»! Bens sequestrados, levado preso pelas ruas, enxovalhado, janelas apinhadas, povoleu aos motejos é o Cónego Mesquita encarcerado na cadeia por «*muita multidão de escopeiteiros negros mouriscos e outras gentes*». E só quando o Senhor D. António, esperança da alma portuguesa se esconde em tanto solar, em tanta casa rasteira é que o Cónego Francisco de Mesquita, senhor do vínculo da Capela de Jesus, respira livremente, revive a sua grandeza.

Foram seus filhos, entre outros, Lopo de Mesquita mandado em 1567, pelo pai «*à Índia à Fortaleza de Maluquo onde avia guerras e cercos de castelhanos e mouros*» e «*que foi nosso Senhor servido de ho levar pera si nas ditas partes*» e Salvador de Mesquita. Estudante, oferece-se e a seus criados «*pera acudir aos lugares marítimos por andar o ingrês francisquo draque nas costas deste Reino*». Em 1580 «*por nam aver pessoa que tal officio quisesse aceitar*», é eleito capitão duma companhia em Guimarães. Tal como o pai, foi «*um dos que trabalharão pera que S. Mag.de el Rei D. Felipe se alevantar nesta villa por Rey e Senhor, no que corria risco por todos andarem amotinados e armados contra quem tal procurava*». Sucessor no vínculo, Inquisidor da Mesa Geral, ausente da vila em razão de seu cargo, faz em 1616 o rol das peças pertencentes à capela, entregues à guarda da Colegiada ⁵⁸. Em 1642 já administra a Capela do Senhor Jesus «*muito mal armada*» ⁵⁹, Francisco de Carvalho de Mesquita, também sacerdote, Provedor em Lamego, neto do Cónego Francisco de Mesquita ⁶⁰.

Estiveram em Azamor, no Moluco, em Ceilão. Em Cambaia, um deles foi amarrado à boca dum canhão. Em naufrágios, em combates, nas fortalezas morrem de pé os Mesquitas. Sem descendentes por linha masculina vai a Capela do Senhor Jesus, à morte do Padre Francisco de Carvalho de Mesquita para seu parente Rodrigo de Sousa da Silva Alcoforado, Fidalgo

⁵⁸ As peças são as seguintes: 1 frontal amarelo com as armas dos Mesquitas, outro duma seda da Índia, outro de tafetá amarelo com «sabastros» de veludo preto, outro de chamalote para a Quaresma, um pano de quaresma com um «heise homo», um sobrevéu, dois pares de véus, um ferro para os mesmos, umas toalhas de altar e dois castiçais. In «Capela de Jesus», (5-4-100), Arq. Mun. Alf. Pimenta.

⁵⁹ «Visitações dos D. Priores da Colegiada de Guimarães nos séculos XVII e XVIII». Visita de D. João Lobo de Faro no ano de 1642, in *Boletim de Trabalhos Históricos*, vol. XV, p. 77.

⁶⁰ Não sei de qual dos filhos do Cónego Mesquita era filho o P.^e Francisco de Carvalho de Mesquita, sei apenas que era seu neto.

da Casa Real, filho de João de Sousa da Silva Alcoforado, o Tافل, Capitão de Cananor e Capitão-Mor de Guimarães, bisneto por sua avó paterna de Rui Mendes de Mesquita ⁶¹. Frestas concertadas depois dos erros nas obras de 1678 ⁶², segue a Capela do Senhor Jesus, coberta de estuques e madeiramentos na reforma de 1832, na família dos Senhores de Vila Pouca, representada neste ano de 1979 por D. Maria Henriqueta Teixeira de Sousa da Silva Alcoforado, Viscondessa de Peso da Régua, Condessa de Vila Pouca.

CAPELA DOS PINHEIROS

Capela da Torre da Colegiada. Ramo de rosas brancas, muito brancas agarradas pelo vento, orvalho a secar, a murchar, a caírem devagarinho as pétalas. Estátuas tão bonitas de calcário a morrerem suavemente. Foram-se as pregas dos mantos. Resta a graça levezinha do toucado da senhora Isabel Pinheira, coifa trabalhada a amparar-lhe a cabeça, altos e encanudados bandós a caírem num rolar de ondas. Ao lado, de gorra seu marido o Dr. Pedro Esteves, cavaleiro, ouvidor do Duque, a quem *«nós D. Afonso V, por graça de Deus, Rei de Portugal, mandamos que saiba com João Gonçalves, escrivão dos Coutos, quantos cazais e quintas e Cazeiros e lavradores e orteloins, servidores e domesticos tem esta Colegiada e de tudo neste ano de 1455, faça inteira inquirição»* ⁶³.

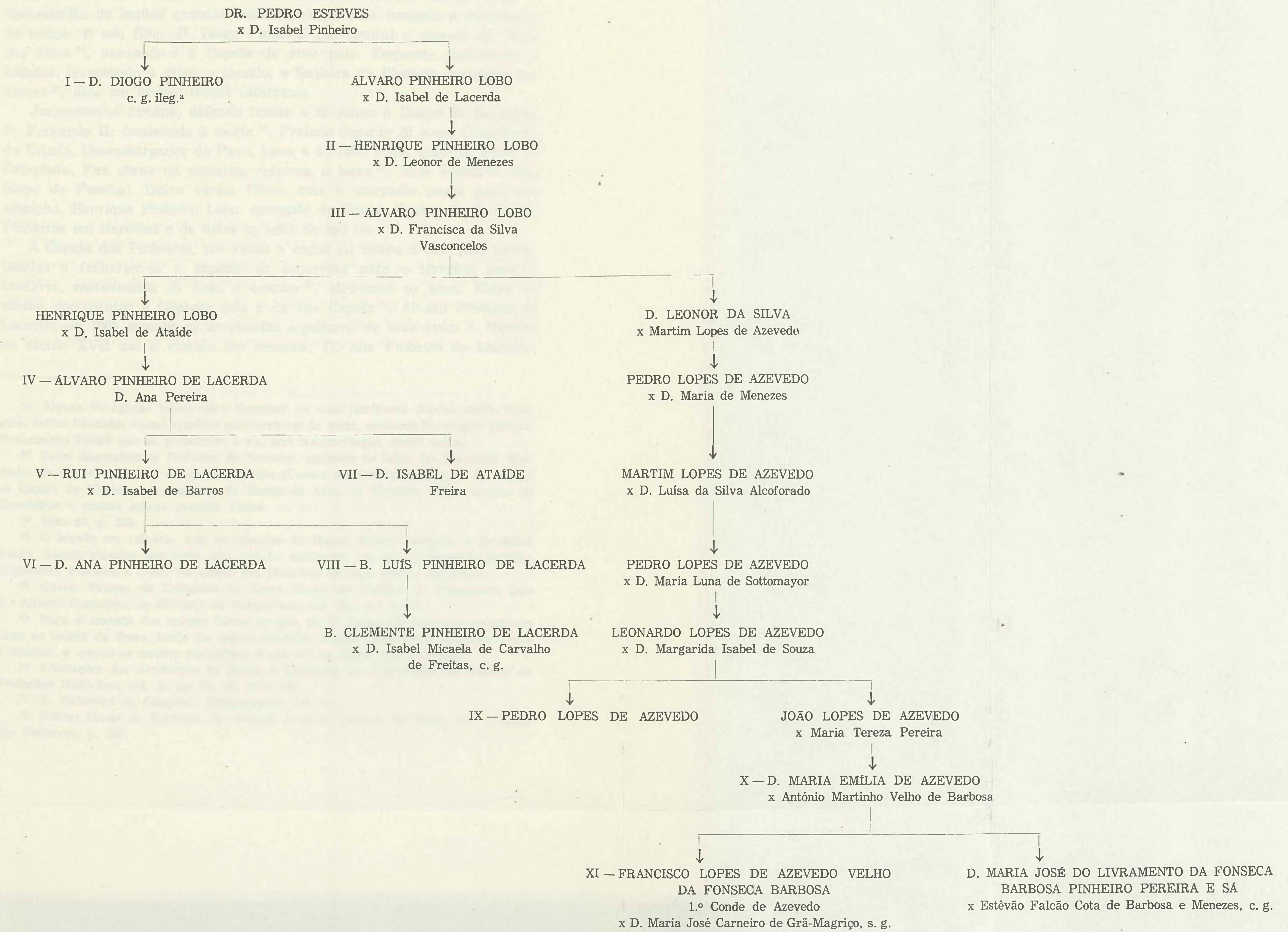
Protegem o túmulo sólidas grades de ferro. É deixar, até Deus querer, esvair-se o calcário sob o peso dos séculos. É deixar até Deus querer, ao

⁶¹ Rui Mendes de Mesquita era irmão do Cónego Francisco de Mesquita, e filho primogénito de Fernão de Mesquita e mulher Brites Mendes de Carvalho, foi senhor do Morgado de Outiz e casado com D. Margarida da Silva. De seus filhos varões não houve geração legítima; a Casa seguiu na descendência de sua filha D. Maria da Silva, mulher de António de Sousa Alcoforado, avós de João de Sousa da Silva Alcoforado (no texto).

⁶² A 5.4.1678, António de Crasto, morador em S. Martinho de Sande, mestre de obras de pedraria das Capelas da Colegiada e seu companheiro António Ribeiro de Aguiar, morador em Santa Cristina de Arões fazem um contrato. Recebe o segundo um terço e compõem à sua custa os erros feitos nas frestas da Capela do Senhor Jesus. Livro de notas do Tab. André Lopes (10-2-77), Arq. Mun. Alf. Pimenta.

⁶³ *Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães*, p. 232.

CAPELA DOS PINHEIROS



sabor dos homens a origem do Dr. Pedro Esteves. Fidalgo? Cristão Novo? ⁶⁴. Ascendentes de muitas grandes casas ⁶⁵, eis as suas imagens a diluírem-se no tempo. É seu filho, D. Diogo Pinheiro que institui o vínculo da Torre dos Sinos ⁶⁶, anexando-o à Capela de seus pais. Enquanto trabalham os artistas, levantando o altar, o túmulo, a Senhora da Piedade, o remate das armas ⁶⁷, dele em breves traços falaremos.

Jurisconsulto distinto, defende frente a 21 juizes o Duque de Bragança D. Fernando II, condenado à morte ⁶⁸. Prelado durante 26 anos, Conselheiro do Estado, Desembargador do Paço, toma a 6.1.1503, posse como D. Prior da Colegiada. Faz obras no claustro, reforma a torre ⁶⁹, anos depois é feito Bispo do Funchal. Deixa vários filhos, mas o morgadio passa para seu sobrinho, Henrique Pinheiro Lobo, morgado de Pouve, Senhor do Solar dos Pinheiros em Barcelos e de todos os bens de seu tio.

A Capela dos Pinheiros, por vezes a «*agoa da chuva a cair pela torre*», janelas a fecharem-se a impedir as conversas para o terreiro, para o chafariz, «*necessitada de todo o ornato*» ⁷⁰, atravessa os anos. Entre os muitos documentos a falarem dele e da sua Capela ⁷¹, Álvaro Pinheiro de Lacerda em 1605 «*renova as arruinadas sepulturas de seus avós*» ⁷². Meados do século XVII cai o vínculo em senhora: D. Ana Pinheiro de Lacerda,

⁶⁴ Alguns linhagistas talvez para lisongear os seus familiares dão-lhe muita fidalguia, outros baseados numas quadras que correram na corte, atribuem-lhe origem judaica. Braamcamp Freire não se pronunciou e eu, sem documentação, muito menos.

⁶⁵ Deles descendem os Pinheiros de Barcelos, senhores do Solar dos Pinheiros, Morgados de Pouve, os Rolim de Moura Barreto (Condes de Azambuja, Duques de Loulé), os Condes de Vimieiro, os senhores da Honra de Alva, os Ferreira d'Eça, Condes de Cavaleiros e muitas outras grandes Casas.

⁶⁶ Nota 63, p. 358.

⁶⁷ O brasão em calcário, está no claustro do Museu Alberto Sampaio, é de difícil leitura. Escudo clássico, sem elmo, nem cartela, seguro por um anjo. Composição partida: Cogominho, Pinheiro e Lobo. Na capela dos Pinheiros há mais pedras de armas.

⁶⁸ *Quatro Priores da Colegiada de Santa Maria da Oliveira de Guimarães*, pelo P.^e Alberto Gonçalves, in «*Revista de Guimarães*», vol. XL, n.^{os} 1 e 2.

⁶⁹ Para a maioria dos autores foram os pais de D. Diogo Pinheiro que mandaram fazer os baixos da Torre, tendo ele depois concluído a obra. Hoje pensa-se que a Torre é anterior, e que só os ornatos manuelinos é que são da época aqui estudada.

⁷⁰ «*Visitações dos Arcebispos de Braga à Colegiada de Guimarães*», in *Boletim de Trabalhos Históricos*, vol. X, pp. 35, 36, 46 e 105.

⁷¹ *V. Velharias da Colegiada Vimaranesense*, vol. V.

⁷² *Nobres Casas de Portugal*, de António Lambert Pereira da Silva, vol. I, Solar dos Pinheiros, p. 125.

«morta menina educanda no convento de Vairão». Por 30 longos anos corre a demanda entre a geração de seu irmão natural o Padre Luís Pinheiro de Lacerda e a de seu remoto parente Pedro Lopes de Azevedo, Senhor de Azevedo, vencedora do pleito. Estamos em 1876, falece o 1.º Conde de Azevedo, seu descendente e representante. A chefia da Casa e Morgadios passa para seu sobrinho Francisco Falcão Cota de Bourbon e Menezes, por seu tio deserddado⁷³. Devagarinho tocam os sinos do alto da torre.

CAPELA DE SANTO ESTÊVÃO

Primeiro vem sem cores, entre a poeira, muito esbatida. Um velho documento copiado numa escritura: «*Florença Annes ordenou capella de Santo Estevão em Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães que seu marido Estevão Vaz tinha edificado e dotado e deixou capella com missa quotidiana e que rezassem o officio de finados e só livre para casamento de mossa parente e outros mais na Igreja Mosteiro que lhe deixou sobre propriedades no anno de mil tresentos secenta e três*». Por morte de Florença

⁷³ Falecendo, sem geração, a 25.12.1876, Francisco Lopes de Azevedo Velho da Fonseca Barbosa Pinheiro Pereira e Sá Coelho, 1.º Conde de Azevedo, instituiu herdeiras algumas das filhas de sua única irmã D. Maria José do Livramento, casada com Estêvão Falcão Cota de Bourbon e Menezes, senhor do Morgado de Gondoriz. Deixou o Paço de Marrancos a D. Maria José, mulher de seu primo António Pinto de Mendanha Arriscado, c. g.; a Casa Solar de Azevedo e grande parte da sua fortuna a D. Maria Cândida, casada com Francisco Barbosa do Couto da Cunha Soutomaior, c. g. (pais de Pedro Barbosa Falcão de Azevedo e Bourbon, 2.º Conde de Azevedo, c. c. g.); o Prazo dos Campos do Lima a D. Maria Adelaide, mulher de Bento Augusto Barbosa do Couto Azevedo Cardoso, c. g.; o Solar dos Pinheiros e a Quinta de Pouve a D. Maria Júlia, casada com José de Azevedo e Menezes Cardoso Barreto, senhor da Casa do Vinhal, c. g.. Seus sobrinhos Francisco Maria Falcão Cota de Bourbon e Menezes, representante por morte do tio de todos os vínculos da Casa, entre os quais o da Capela dos Pinheiros, falecido sem geração, e seu irmão e imediato sucessor Gaspar Augusto Cota Falcão de Bourbon e Menezes, casado com geração, extinta, foram excluídos da herança. A sobrinha mais velha, D. Maria Emília da Madre de Deus Falcão Cota de Bourbon Azevedo e Menezes, casada com Francisco Lopes de Calheiros e Menezes Benevides, senhor do Solar de Calheiros (pais do 1.º Conde de Calheiros), foi igualmente deserddada, e é na sua descendência que se encontra a representação da grande Casa que pertenceu ao 1.º Conde de Azevedo. É actual senhor do Paço de Calheiros e representante do título de Conde de Calheiros, vínculo da Capela dos Pinheiros, etc., seu bisneto Francisco Lopes de Calheiros e Menezes, neto do 1.º Conde de Calheiros.

CAPELA DE SANTO ESTÊVÃO

FLORENÇA ANNES x ESTÊVÃO VAZ

ESTÊVÃO DIAS

RUI MENDES DE MESQUITA

FERNÃO DE MESQUITA

DIOGO LOPES DE MESQUITA

DAMIÃO DE MORAIS

DOMINGOS DE MORAIS

ANTÓNIO FERNANDES

P.^e PAULO GOMESANA GOMES, v.^a

D. LUÍSA TERESA MACIEL BARBOSA

LUÍS ANTÓNIO DA COSTA PEGO E BARBOSA

Anes, em 1383, recebe o vínculo de Santo Estêvão «*muitas herdades e para a capelania outra do Cabido e do Mosteiro da Costa hum hospital que estivesse sempre provido*»⁷⁴.

Jorra o colorido no reinado de D. Manuel I. À Capela de Santo Estêvão dizem⁷⁵, ter El-Rei oferecido uns ricos paramentos. São lindos, canta em glória o vermelho do brocado, corre o fio de ouro a bordar com riqueza, a falar da epopeia duma época, da fé da gente de Portugal. Por renúncia de Estêvão Dias «*que a perde por mal administrar*» entra a Capela ao raiar o século XVI na posse dos Mesquitas. Continua a cor, a luz, o movimento. Rui Mendes de Mesquita, Morgado de Outiz, irmão do Cónego Francisco de Mesquita é seu senhor. Seu filho Fernão de Mesquita, Capitão-Mor da Armada da Costa «*dela houve carta assim como a tivera seu pai*». Sucede-lhe por 1576, seu irmão Diogo Lopes de Mesquita, Capitão-Mor de «*Maluquo*»⁷⁶. Depois outra vez os tons neutros, desmaiados, do silêncio das pedras mortas.

Notas soltas duma cadência monótona, sem vida. Empraza suas terras como seu administrador, a 21.11.1658, Damião de Moraes⁷⁷. Domingos de Moraes a administra⁷⁸. Aos poucos às notas, quase silenciosas, outras respondem. «*Tendo El-Rei feito mercê ao P.^e Paulo Gomes m.^{or} em G.^{es}*

⁷⁴ «Carta de Posse a favor do D. Prior da Real Colegiada da V.^a de G.^{es} q este a tomar dasti.^m ... da Cap.^a de Florença Annes de q V. A. R. lhe fez mercê na forma dela», in «Capella de Santo Estêvão» (5-4-108), Arq Mun. Alf. Pimenta.

⁷⁵ Estes ricos paramentos são descritos por Alfredo Guimarães, no *Guimarães — Guia de Turismo*, p. 133. Afirma: «... o qual respeita aos fins do século XV ou princípios do século XVI, e tem seus similares no tempo em obras de Génova e Valência. Representa uma oferta de D. Manuel I à Capela Real de Santo Estêvão ...». Embora seja sabido que El-Rei D. Manuel deu a várias Igrejas e Capelas muitos paramentos não encontrei documentação que confirme tal doação a esta Capela. Na *Arte Ornamental dos Tecidos*, de Carlos Bastos, a p. 79, ao descrever estes lindos paramentos expostos no Museu Alberto Sampaio: «brocado de veludo de três altos: frontal, casula e duas dalmáticas conjunto igualmente valioso pela sua raridade e formosura», duvida da oferta real, e «na impossibilidade de as esclarecer devidamente, aceita, a título provisório, que o nosso espécime viesse de Espanha, oscilando o seu fabrico entre fins do século XV e princípios do XVI».

⁷⁶ Nota 74.

⁷⁷ Damião de Moraes como administrador da Capela de Santo Estêvão, situada à porta travessa da Colegiada desta vila faz prazo a Cristóvão Machado Recunado da Quinta da Torre em Fontelo nas notas do Tab. Bento da Cruz Lobato a 22.11.1658. In «Mostrador do Morgado dos Peixotos», Arq. Part. da Casa de Pousada.

⁷⁸ Nota 74.

da administração da capella de Santo Estevão instituida por Florença Annes tirando-a por demanda à sua custa, o q com effeito fez com despeza de sua fazenda e a seu pay António Fernandes que foi proprietario dos officios de Porteiro da Correcção e das cizas da Repartição do Corregedor e os servir por mais de vinte annos e ser morto de hum tiro que lhe deu um delinquente indo prende-lo com os mais officiais das justças dou-lhe faculdade de renunciar a dita capella dentro de um mez em pessoa de sua geração», a 15.9.1697 ⁷⁹. Renuncia o sacerdote em sua sobrinha Ana Gomes, viúva ⁸⁰. Como senhoria renova um seu prazo em 1709 ⁸¹.

Logo o Reverendo Beneficiado Luís António da Costa Pego e Barbosa, a 15.1.1750, recebe mercê da Capela ⁸². Fidalgo Capelão da Casa Real, Senhor do Morgado de Santo Estêvão, padroeiro da Basílica de S. Pedro em Guimarães, autor de livros de oração, rege a orquestra da alegria, a estender-se pela vila. Faz voto de oferecer as imagens de Nossa Senhora da Madre de Deus e S. José ao Convento das Capuchinhas. Chegam em Julho de 1748. Luminárias, ruas enfeitadas, nove dias de mascaradas, cavalhadas, touros. Novenas, sermões, grandiosas cerimónias. Clarins, imagens a passar, vestidos de brocado, de lhama, bordados a ouro, oferecidos pela Família Real ⁸³, confrarias, irmandades, fidalgos ao andor. Senhora dos Prazeres, chegada a Guimarães, quanto júbilo, quanta alegria! Mais de cinco mil cruzados gastos pelo Senhor da Capela de Santo Estêvão, Capelão de D. João V ⁸⁴.

A 13.4.1771 escreve o D. Prior da Colegiada: «... tudo depende da informação que já se pedio da instituição da Capela de Santo Estevão que se deve meter dentro da Igreja com a administração dela ...» ⁸⁵. A 20.6 do mesmo ano toma a sua posse a Real Coroa de Sua Magestade ⁸⁶. Agora uma

⁷⁹ «Provisão Régia fazendo mercê da administração da capella de St.º Estêvão a Anna Gomes», in *Velharias da Colegiada Vimaranesense*, de João Lopes de Faria.

⁸⁰ Renunciou a 20.2.1698. Mesmo documento acima citado.

⁸¹ Como administradora da Capela renova o prazo da Quinta da Torre a 10.7.1709. v. nota 77.

⁸² Esta mercê está registada no Livro 3.º das Capelas da Real Coroa, fls. 76, v. nota 74. Está transcrita nas *Velharias da Colegiada Vimaranesense*, vol. II, pp. 104 a 106.

⁸³ «Chegada a esta vila das imagens de Nossa Senhora da Madre de Deus e S. José», in *Guimarães*, do P.º Caldas, pp. 325 a 332.

⁸⁴ *Ibid.*, vol. I, p. 238.

⁸⁵ *A Colegiada de Guimarães sob o signo de Pombal*, de Manuel Alves de Oliveira, p. 106.

⁸⁶ Nota 74.

senhora: D. Luísa Teresa Maciel Barbosa sua administradora por provisão régia a 3.9.1791⁸⁷. Anos mais tarde um aviso real concede licença só para reparar e não demolir ou alterar qualquer parte da Colegiada e dá a Capela de Santo Estêvão aos capelães do coro⁸⁸. Voltam logo atrás. Empurrada pelos séculos está de há muito na «*crasta pequena*», junto à porta travessa a dar para a Rua de Santa Maria. É acanhada, estreita. Impede as obras. Não serve. Tem 14 varas e meia de comprimento, 3 varas e $\frac{2}{3}$ de largo e pouco mais de 2 varas de alto. Não resistindo às petições, D. João VI a 18.10.1799, concede por Alvará licença para demolir a Capela⁸⁹. Passam seus bens para o D. Prior da Colegiada que os rege em 1824⁹⁰. Dela nada fica a não ser uns ricos paramentos, oferecidos, quem sabe?, por um Rei.

CAPELA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Era ali! Quase não se repara. Só a marca na parede exterior da Igreja a dar para o claustro, a resistir à chuva, ao tempo, aos homens. Dos seus restos de capela morta prendem mais a atenção as armas coloridas, esquarzeladas de Cardoso e Amaral, embutidas no claustro e outras idênticas, remate da abóbada, postas a um canto. Das suas pedras, levantadas por 1538, «*sem ajuda de nenhuma outra pessoa*», por Pedro Cardoso do Amaral, Fidalgo da Cota d'Armas, Senhor da Quinta do Paço, em Nespereira e sua mulher D. Isabel de Carvalho⁹¹, nada mais resta. Do vínculo, por eles instituído, a excluir fêmea e filhos naturais, fica a lembrança, todo o rugir do mar do Portugal de quinhentos, da Índia aonde andou Pedro Cardoso, toda a devoção duma família aos pés da Virgem, Maria Imaculada.

Nela se cantam «*pera todo o sempre*» as Vésperas de Nossa Senhora. A 30.12.1570 «*o muito magnifico senhor doutor bras cardoso*», acompanhado por sua mãe, D. Isabel de Carvalho, vela por essa condição⁹². Provedor

⁸⁷ Nota 82.

⁸⁸ *Velharias da Colegiada Vimaranesa*, vol. IV, p. 105v.

⁸⁹ «Alvará Régio concedendo ao D. Prior autorização para fazer demolir a Capela de Santo Estêvão junto à Igreja», in *Velharias da Colegiada Vimaranesa*, vol. II, p. 108.

⁹⁰ Nota 74.

⁹¹ *Guimarães e Santa Maria*, do Abade de Tagilde, p. 19.

⁹² Livro de notas do Tab. do Cabido Manuel Gonçalves (1-1-40), Arq. Mun. Alf. Pimenta. Também vem copiado no *Guimarães e Santa Maria*.

em Guimarães, senhor do vínculo, casa em primeiras núpcias⁹³ com uma sua prima, filha dos Senhores da Honra de Cardoso⁹⁴; o mesmo faz sua irmã D. Brites Cardoso casando com o então senhor dela, seu primo Luís Vaz Cardoso⁹⁵. Primogénito do Dr. Braz Cardoso é Pedro Cardoso de Menezes, marido de D. Filipa da Fonseca, também sua prima⁹⁶. A 11.9.1586 aluga a sua quinta do Proposto por 4 anos e vinte mil réis anuais⁹⁷. Dele pouco nos falam os documentos. Já seu filho Pedro Cardoso de Menezes, o Moço, aparece mais: a 9.5.1607 é testemunha duma escritura⁹⁸ a 21.7 do

⁹³ A 25.4.1561 sua segunda mulher a sr.^a Maria da Costa passa-lhe uma procuração para ele poder fazer partilhas com seu cunhado «ho sr. Luís Vaz Cardoso», de S. Martinho de Mouros, pelo falecimento de seus sogros «o sr. vasco cardoso vasconcellos e a sr.^a johanna de Menezes». Livro de notas do Tab. Manuel Gonçalves (10-1-40), Arq. Mun. Alf. Pimenta. Embora o documento não especifique Vasco Cardoso de Vasconcelos, senhor da Honra de Cardoso e sua mulher eram seus sogros por serem pais de sua primeira mulher D. Maria de Menezes.

⁹⁴ Pedro Cardoso do Amaral, pai do Dr. Braz Cardoso, era filho de Lopo Afonso de Andrade e de Maria Gonçalves do Amaral e neto paterno de Pedro Vaz Cardoso, que muitos autores dizem ter sido o instituidor do vínculo de Nespereira e não seu neto como é o mais certo, e de sua mulher D. Maria Dias Cardoso, neto materno de Diogo Pais Cardoso de Castelo Branco, F. C. R., e de sua mulher Mecia Vaz do Amaral; Pedro Vaz Cardoso era irmão de Azuil Cardoso, senhor da Honra de Cardoso, avô paterno de D. Maria de Menezes, ambos filhos de Luís Vaz Cardoso, senhor da dita Honra. Segundo o Abade de Tagilde foi por desinteligências com sua mãe que Pedro Cardoso do Amaral veio para Guimarães para a casa de seu tio materno o Morgado de Sezim.

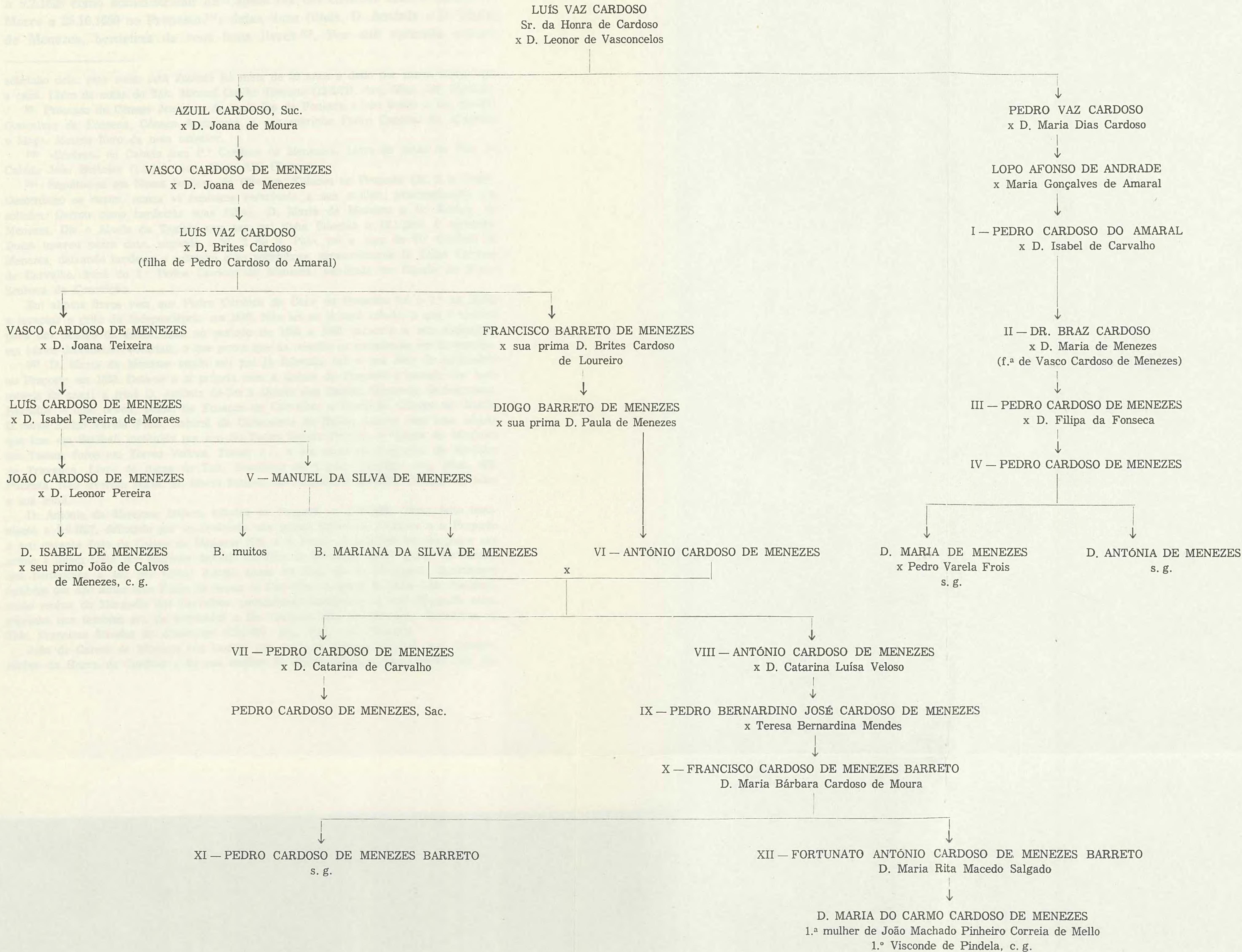
⁹⁵ Luís Vaz Cardoso, citado na nota 93 é duas vezes cunhado de seu primo o Dr. Braz Cardoso, por ter casado com sua irmã D. Brites Cardoso, e pela primeira mulher do Dr. Braz Cardoso ser irmã de Luís Vaz Cardoso. Por extinção da linha do Dr. Braz Cardoso, o vínculo de Nespereira, segue, como veremos na descendência de Luís Vaz Cardoso e sua mulher e prima D. Brites Cardoso.

⁹⁶ D. Filipa da Fonseca era filha do Licenciado Francisco da Fonseca e de sua mulher D. Catarina Dias de Carvalho, neta materna de Simão Rebelo de Meireles e mulher Margarida de Carvalho, irmã de Isabel de Carvalho, avó de Pedro Cardoso de Menezes.

⁹⁷ Livro de notas do Tab. António Machado de Magalhães (12-3-23), Arq. Mun. Alf. Pimenta. Pedro Cardoso de Menezes é neste documento F. C. R.

⁹⁸ É testemunha duma fiança feita por seus tios a 9.5.1607. O Rev. Cónego Jerónimo de Carvalho da Fonseca, seu irmão Fernão Gonçalves da Fonseca, Arcipreste na Colegiada e sua irmã Luísa da Fonseca (irmãos da mãe de Pedro Cardoso de Menezes), dizem ser herdeiros da metade dos bens que ficaram de seu tio Francisco Rebelo de Carvalho, Comendador de Unhão. A outra metade pertencia ao irmão do defunto, Diogo Rebelo de Carvalho, ausente na Índia, que para se habilitar passará procuração à Misericórdia da vila de Guimarães. Entre os bens havia uma casa em Lisboa na Rua dos Escudeiros, que o comendador herdara de sua mulher Maria Aguiar, e que devia pertencer a um

CAPELA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO



mesmo ano vai de jornada até Lisboa vender umas casas dos tios maternos ⁹⁹, a 5.2.1629 como administrador da Capela faz um contrato com o Cabido ¹⁰⁰. Morre a 25.10.1650 no Proposto.¹⁰¹; deixa duas filhas, D. Antónia e D. Maria de Menezes, herdeiras de seus bens livres ¹⁰². Por sua sucessão excluir

sobrinho dela, mas como está ausente há mais de 30 anos e dado por morto ficam com a casa. Livro de notas do Tab. Manuel Coelho Toscano (12-2-71). Arq. Mun. Alf. Pimenta.

⁹⁹ Processo do Cónego Jerónimo de Carvalho da Fonseca e seu irmão o Dr. Fernão Gonçalves da Fonseca, Cónego Arcipreste, a seu sobrinho Pedro Cardoso de Menezes, o Moço. Mesmo livro da nota anterior.

¹⁰⁰ «Contrato do Cabido com P.º Cardoso de Menezes». Livro de notas do Tab. do Cabido João Bertoles (1-2-1e), Arq. Mun. Alf. Pimenta.

¹⁰¹ Sepultou-se em Nossa Senhora da Oliveira. Faleceu no Proposto (M. 2 S. Paio). Desconheço se casou, nunca vi nenhuma referência a sua mulher, provavelmente era solteiro. Deixou como herdeiras suas filhas: D. Maria de Menezes e D. Antónia de Menezes. Diz o Abade de Tagilde que seu pai tinha falecido a 18.1.1646, é confusão. Quem morreu nesse data, segundo o M. 2 de S. Paio, foi a «tya de P.º Cardoso de Menezes, deixando herdeiro o sobrinho e as sobrinhas», provavelmente D. Luísa Cardoso de Carvalho, irmã do 1.º Pedro Cardoso de Menezes, sepultada na Capela de Nossa Senhora da Conceição.

Em alguns livros vem que Pedro Cardoso da Casa do Proposto foi o 1.º na Índia a levantar o grito da Independência em 1640. Não sei se lá terá estado, o que é natural para um fidalgo da época, mas no período de 1638 a 1642 encontro a sua assinatura em vários documentos notariais, o que prova que na ocasião se encontrava em Guimarães.

¹⁰² D. Maria de Menezes sendo seu pai já falecido, faz o seu dote de casamento no Proposto em 1653. Dota-se a si própria com a Quinta do Proposto e metade dos bens móveis da casa; a irmã D. Antónia dá-lhe a Quinta das Caldas, freguesia de Sequeiros, Barcelos, e uma prima, Isabel da Fonseca de Carvalho, o Casal do Outeiro em Ronfe. O noivo Pedro Varela Frois, natural da Cabeceiras de Basto, dota-se com uma capela que tem em Setúbal, instituída por seu tio Pedro Varela Pereira, a Quinta da Machuca em Tomar, foros em Torres Vedras, Tomar e ... e um casal na freguesia do Mosteiro de Travanca. Livro de notas do Tab. Domingos da Cunha (12-4-20), Arq. Mun. Alf. Pimenta. Não tiveram filhos. D. Maria faleceu no Proposto a 28.2.1679, ficando herdeira a sua irmã.

D. Antónia de Menezes, faleceu solteira no Proposto a 15.10.1690. Tinha feito testamento a 9.9.1657, deixando por usufrutuária sua prima Isabel da Fonseca e o Proposto a seu parente João de Calvos de Menezes (Ob. 1 S. Paio). A 8.10.1685 faz doação a seu primo a quem trata por sobrinho António Cardoso de Menezes, então senhor do vínculo que pertencera a seu pai (dela) dumas casas na Rua de S. Domingos. Questionara também um ano antes com Filipe de Sousa de Carvalho (a quem já tinha feito doações), então senhor do Morgadio dos Carvalhos, pretendendo habilitar-se a este Morgadio como sobrinha que também era do instituidor o Dr. Gonçalo Dias de Carvalho. Escrituras do Tab. Francisco Mendes de Alvarenga (22-1-48), Arq. Mun. Alf. Pimenta.

João de Calvos de Menezes era bisneto por sua avó paterna de Luís Vaz Cardoso, senhor da Honra de Cardoso e de sua mulher D. Brites Cardoso. Era casado com sua

senhora, vai-se, conforme a instituição buscar o filho segundo da Casa donde é oriundo o instituidor Pedro Cardoso do Amaral: o Reverendo Manuel da Silva de Menezes, Abade da Lagiosa, filho de Luís Cardoso de Menezes, Senhor da Honra de Cardoso e de sua mulher D. Isabel Pereira de Moraes.

Cabeça do vínculo da Capela de Nossa Senhora é a quinta do Paço em Nespereira. O ar é de paz, trepam as vides pelas árvores, as folhas, as gavinhas, os cachos. Chega o Abade da Lagiosa, senhor do Morgadio. Logo como bagos, cheios de vida, surgem meninos, muitos meninos, filhos de mãe solteira e Manuel da Silva de Menezes *«que dizem ser seu pai»*¹⁰³. A excluir os bastardos a virem com a força do vinho novo, volta-se mais uma vez à antiga cepa, à Honra de Cardoso: para suceder seu primo o Abade, no Morgadio do Paço e no vínculo de Nespereira chega António Cardoso de Menezes, como ele bisneto na varonia de Luís Vaz Cardoso¹⁰⁴. Logo a 6.2.1666 casam-no¹⁰⁵ com a mais velha das filhas naturais do Reverendo

prima D. Isabel de Menezes, senhora da dita Honra (que caiu então em senhora tornando a sua descendência inapta para suceder no vínculo de Nespereira), 3.^a neta na varonia do mesmo Luís Vaz Cardoso.

¹⁰³ Como filho 2.^o de Luís Cardoso de Menezes, senhor da Honra de Cardoso (neto de Luís Vaz Cardoso, acima) e de sua mulher D. Isabel Pereira de Moraes, é à morte de Pedro Cardoso de Menezes (1650), o Abade da Lagiosa, chamado a suceder no vínculo de Nespereira. Teve os seguintes filhos: em Catarina, solteira, a) Mariana, b. a 25.9.1652 (Mariana da Silva de Menezes, no texto), b) Beatriz, b. a 3.9.1653; em Catarina Soares: c) Luís, b. a 29.9.1654, d) Cristóvão, b. a 15.8.1656; (M. 1 Nespereira), em Maria Pereira, solteira e forasteira: e) António, b. a 7.6.1671 (N. S. Seb.^o); em Maria, solteira, do lugar da Bouça: f) Catarina, b. a 14.3.1667; em Catarina, solteira (a mesma acima?): g) Domingos, b. a 21.1.1669, h) António, b. a 12.4.1670; em Marta, solteira: i) Catarina, b. a 14.7.1671 e em Catarina Martins: j) João da Silva, casado a 26.7.1680 com sua prima no 4.^o grau, Paula Vieira (M. 2 Nespereira).

¹⁰⁴ À morte do Rev. Manuel da Silva de Menezes extinguiu-se a varonia legítima de seu pai e avô. Para suceder no vínculo de Nespereira e Capela de Nossa Senhora da Conceição, foi-se conforme a instituição à linha varonil mais próxima, neste caso à descendência de seu bisavô Luís Vaz Cardoso e de sua mulher D. Brites Cardoso. Filho 2.^o destes senhores foi Francisco Barreto de Menezes, casado com sua prima D. Brites Cardoso do Loureiro que tiveram primogénito a Diogo Barreto de Menezes marido de sua prima D. Paula de Menezes. Seu filho mais velho foi António Cardoso de Menezes, que veio a suceder no vínculo do Paço e, como vimos, casa com a filha mais velha do seu antecessor o Abade da Lagiosa.

António Cardoso de Menezes, além dos filhos de legítimo matrimónio, houve em Ângela, solteira, a Antónia, b. a 12.8.1665 e a Domingos, b. a 20.6.1666 (M. 2 Nespereira).

¹⁰⁵ Foram recebidos na Igreja de Nespereira, sendo o pai da noiva uma das testemunhas (M. 2 Nespereira). Deste casamento nasceram: D. Cecília de Menezes, b. a

Manuel, Mariana da Silva de Menezes, menina de treze anos. Dá-lhes Deus muitos filhos.

A vida calma, como um pôr do sol numa tarde quente espraia-se pela Quinta do Paço. O mais velho chama-se Pedro como muitos dos seus avós. Arrenda durante nove anos a quinta do Proposto, senhorio é seu parente Luís Cardoso Calvos e Menezes¹⁰⁶. Turvam-se os ares. A 6.11.1735 Pedro Cardoso de Menezes está na sua Quinta do Paço em Nespereira. Sua mulher D. Catarina de Carvalho, irmã do Abade de Tamel, só lhe deu, entre as filhas e um rapaz falecido novo, outro varão: o Padre Pedro Cardoso de Menezes Barreto. Cheio de dívidas *«maiormente por crimes que se arguirão a seu filho que não podia como sacerdote tomar estado de casado»*, a querer ver professar suas filhas no Convento de Vairão onde estavam recolhidas, e sem dinheiro para os dotes, entrega e desiste de toda a administração do morgadio em seu irmão António Cardoso de Menezes morador com sua mulher na quinta do Gaiteiro, junto a Guimarães¹⁰⁷.

A Capela de Nossa Senhora da Conceição da Colegiada, por vezes a pedir uma pincelada, uma obra¹⁰⁸, segue na descendência de António Cardoso de Menezes, sem sobressaltos, uma procissão de muitos filhos sacer-

28.11.1666, casada a 7.2.1691 com João Ribeiro Bernardes, senhor da Casa da Portela, em S. Jorge do Selho, c. g. (Cardoso de Menezes, da Casa da Portela); D. Antónia, b. a 3.1.1669, D. Isabel, b. a 7.9.1670 e D. Paula, b. a 18.12.1672, freiras em Valença, Pedro Cardoso de Menezes, sucessor, b. a 26.2.1675, c. c. g. extinta, D. Joana Maria de Menezes casada com António de Castro e Sousa, natural de Melgaço, c. g., D. Maria Madalena, m. m., D. Catarina, m. m. e António Cardoso de Menezes, suc. a seu irmão que nele renunciou, c. c. g.

¹⁰⁶ «Arrendamento da qt.^a do Proposto q fez Luís Cardoso Calvos e Menezes da cidade do Porto a 13.3.1708 a Pedro Cardoso de Menezes, Infância da v.^a de G.^{es} por nove anos». Tab. José Alves de Araújo (13-3-12), Arq. Mun. Alf. Pimenta.

Luís Cardoso Calvos e Menezes é filho de João de Calvos e Menezes (nota 102) e de sua mulher D. Isabel de Menezes, senhora da Honra de Cardoso e irmão de Caetano Pereira da Silva e Menezes e Julião Cardoso de Menezes, que mais tarde, todos juntos, hipotecam a Quinta do Proposto.

¹⁰⁷ Livro de notas do Tab. José da Costa (13-3-91), Arq. Mun. Alf. Pimenta. De seu casamento com D. Catarina de Carvalho, falecida na Quinta do Paço a 11.11.1729, irmã do Abade de Tamel, Pedro Cardoso de Menezes, tem os seguintes filhos todos nascidos em Nespereira: D. Teodósia, b. a 31.3.1701, D. Ana Maria, b. a 26.6.1702, D. Inocência, b. a 3.1.1704, Pedro Cardoso de Menezes Barreto, Sac., que pelos motivos referidos no texto não sucedeu no Morgadio, falecido no Paço de Nespereira a 4.2.1743, Diogo António, b. a 2.12.1707, m. m. e D. Teresa, b. a 27.10.1709. As senhoras foram todas recolhidas no Convento de Vairão.

¹⁰⁸ «Visitações dos Arcebispos de Braga à Colegiada», nota 70.

dotes, muitas filhas freiras, morgadinho à frente, à espera dum casamento vantajoso. Por um deles, a 7.7.1747 é arrematada a Casa do Proposto ¹⁰⁹. De 1830 a 1837 faz-se a grande reforma na Colegiada. Olhem: vejam os Cónegos fiéis à causa liberal: João Baptista Sampayo, Dias Pinheiro, Tomé Luís Felgueiras a querem a novidade, a reforma, a encherem sob a direcção de Roquemont toda a Igreja da Oliveira de massa e estuque. Por contrato de 3.7.1830 chega o Cabido o altar à frente ¹¹⁰, desaparece a Capela de Nossa Senhora da Conceição. Então seu administrador Fortunato António Cardoso de Menezes, Coronel dos Voluntários Realistas, Medalha de Fidelidade ao Rei e à Pátria, envolve em seus braços a linda imagem de Nossa Senhora, o que fica da sua Capela morta e para o Proposto a leva. Ainda lá está, a Virgem Nossa Senhora a abençoar, os Morgados, os Viscondes do Paço de Nespereira, a todos, os muitos do sangue destes Cardosos, a procurar entre eles, por em meados do século XIX a Casa mais uma vez ter caído em senhora por onde andarà a representação do vínculo ¹¹¹.

¹⁰⁹ Arrematado em praça pública a 7.7.1747 por Pedro Bernardino José Cardoso de Menezes, senhor do Morgadio de Paço de Nespereira e Capela de Nossa Senhora da Conceição (filho de António Cardoso de Menezes em quem o irmão Pedro tinha renunciado o Morgadio, e de sua mulher D. Catarina Luísa Veloso). Livro de notas do Tab. João Ribeiro, Prazos Reguengos (18-3-5), Arq. Mun. Alf. Pimenta.

¹¹⁰ «Obrigaçao do Cabido em 3.7.1830 aos padroeiros das Capelas para a vandalica reforma da Igreja da Colegiada», in *Velharias da Colegiada Vimaranesa*, ms. de João Lopes de Faria, vol. VI, p. 94.

¹¹¹ Fortunato António Cardoso de Menezes (neto de Pedro Bernardino Cardoso de Menezes), Morgado do Paço de Nespereira, senhor da Capela de Nossa Senhora da Conceição na Colegiada, Capitão dos Voluntários Realistas, teve de seu casamento a 18.5.1822 com D. Maria Rita Macedo Salgado uma filha: D. Maria do Carmo Cardoso de Menezes, casada com João Machado Pinheiro Correia de Melo e Almada, 1.º Visconde de Pindela de quem foi primeira mulher, senhora da Casa do Proposto e demais bens de seu pai, mas que, de acordo com o determinado na Instituição não herdou a representação do vínculo por haver caído em senhora. Dos mesmos foi filha e herdeira D. Maria Amélia Cardoso de Menezes, senhora da Casa do Proposto e da Casa e Quinta de Paço de Nespereira, casada com Gaspar Lobo de Sousa Machado e Couros, agraciado depois de viúvo com o título de Visconde de Paço de Nespereira, c. g., representada na actualidade por D. Maria João do Amaral Cardoso de Menezes (filha dos 3.ºs Viscondes), casada com o Eng.º-Agr.º José Joaquim Pedroso Rosa Rodrigues, c. g.. A Casa do Proposto, pertence hoje a seus primos, filhos do Dr. Sebastião Lobo Pereira da Silva Cardoso de Menezes (filho segundo dos 2.ºs Viscondes) e de sua mulher D. Maria da Glória de Jesus de Araújo.

Extinta a varonia da linha de António Cardoso de Menezes, para se encontrar a representação desta Capela, tem que se saber se existe algum descendente em varonia

Morgadios instituídos na Igreja, no claustro, granito a curvar-se nas abóbadas das capelas. Carneiros armoriados ¹¹², já desaparecidos, História a falar por entre as pedras. Capelas não vinculadas ¹¹³ espalhadas pela «crasta» e Igreja de Nossa Senhora da Oliveira.

CAPELA DE GONÇALO FRANCISCO

Houve mais uma, tão morta pelo tempo, que dela já não há lembrança, nem sequer a certeza de ter existido. A de Gonçalo Francisco instituída a 17.2.1664 dentro da Igreja da Colegiada ¹¹⁴. Gonçalo Francisco, senhor

legítima de Luís Vaz Cardoso, e em caso contrário, de seus ascendentes, pesquisa demorada e trabalhosa, que em parte, se levará a cabo, se Deus quiser, no Cap. VIII dos *Carvalhos de Basto*, em publicação.

¹¹² Sem falar nos já citados neste estudo temos notícias dos seguintes: túmulo de Afonso Vieira (existe no clautro do Museu), que a 23.6 da era de 1457 mandou dizer uma Missa na Capela de S. João por seu padraсто Afonso Domingues, mercador de tendas (*Testamentos e Doações da Colegiada*, por João Lopes de Faria, p. 275). Carneiro de Miguel Dias Feio, almoxarife da Rainha (debaixo da pia junto à porta principal); as sepulturas brasonadas de Francisco Rebelo de Carvalho, Comendador de Unhão (nota 98) e sua mulher Maria de Aguiar; uma sepultura com escudo de Ferreiras e Machados e um letreiro: «aqui jaz Leonor Machado mulher que foi do Comendador Pedro Roiz de Andrade e seus herdeiros»; o carneiro de David de Miranda e «pegado ao altar de Santo André entre a porta que do claustro sai para fora dous muimentos metidos na parede q dizem ser de Estêvão Machado de Miranda tem imagens pintadas pela parte de cima dos arcos está hum escudo de armas e dous anjos tendo mãos nele com um letreiro gótico que não se lê» (Morgado de S. Miguel ou Parto Suposto).

Todos existiam em 1665, mas a não ser do último que ainda tem na parede um escudo em branco com a legenda à volta, e que aparece completo nas fotografias tiradas antes das obras para adaptação do claustro ao Museu; dos outros não há vestígios.

¹¹³ Que eu saiba houve: dentro da Igreja: Capela de S. Nicolau: «fizeram-na os estudantes e outros devotos que ganharam dinheiro para as obras com comédias e danças»; Capela do Espírito Santo, feita pela sua Confraria; e no claustro: a Capela de Santo André (Capela das Almas), mandada fazer pelo Cónego Afonso André na era de 1447 como atesta uma lápide ainda hoje existente e a Capela de S. João depois S. Pedro, Sala do Capítulo, agora sala no Museu Alberto Sampaio.

¹¹⁴ «Instituição de vínculo ou Capela que fez gonçalo Francisco Castelhana com o dom prior da Colegiada». Livro de notas do Tab. Domingos da Cunha (12-4-27), p. 45v. Julgo que aqui o termo «Capela» se aplica às Missas que na Colegiada manda dizer «emquanto o mundo durar» e não à construção duma Capela, mas não tenho a certeza.

das quintas do Costeado e da Porcariça ¹¹⁵ e sua mulher Inês Dias Caldeirão Villasus, graça andaluza em terras do Minho, a darem esmolas a Nossa Senhora da Oliveira, com devoção, com garbo, com alegria. Pratinho de prata «*com seus nomes abertos em guarnição*» e duas galhetas, o bordão de prata da Senhora, obra de Pedro Vieira, ourives, o conserto da Cruz de João das Regras e os acrescentes floretiados, um véu de ombros, 4 varas de prata, as 13 vestimentas de brocado, de chamalote, de «*machaia*», um raminho de ouro ¹¹⁶ em paga da licença para o seu carneiro na Igreja ¹¹⁷.

É uma brisa leve. 1674. Saiem da Missa em Creixomil, Gonçalo Francisco, sua mulher, suas lindas filhas. A tropa cerca-os. «*Ajudado pelos soldados*», Alexandre Palhares de Brito, agarra uma das meninas, Mariana e consigo a leva, a galope, até à Quinta do Enxido, no termo de Braga ¹¹⁸. O vento cresce. Vira as folhas da história da Casa do Costeado, os feitos dos Palhares, netos de Gonçalo Francisco ¹¹⁹. Entra também pelas Capelas vinculadas de Nossa Senhora da Oliveira: umas, capelinhas a rezarem à luz das velas, outras frias salas de Museu, outras ainda, somente uma pedra, uma saudade, uma lágrima, perdidas no tempo e na lembrança.

¹¹⁵ V. *Velhas Casas*, III, Casa do Costeado, onde vem a vida de Gonçalo Francisco, senhor dessa Casa.

¹¹⁶ «Inventário Geral dos Benefícios, Capelas, Sepulturas, & da Colegiada» (1665), Arq. Mun. Alf. Pimenta.

¹¹⁷ Este sim existiu com certeza: «... e se aplicou para o carneiro que se fez junto à capella de Nossa Senhora da Conceição na nave onde está a Capela do Santíssimo Sacramento em 1664» (*Testamentos e Doações*, nota 112). «Abaixo da Capela da Conceição está hum carneiro de Gonçalo Francisco Infanção e mulher Inês Dias Villas Sus» (Inventário).

¹¹⁸ «Perdão Geral do G.^o Fr.^{co} Castelhana da freg.^a de Creixomil a felix machado de azevedo e a sua may Dona inasia de tavora do termo de Braga», a 16.7.1675. Livro de notas do Tab. Domingos da Cunha (12-4-30), Arq. Mun. Alf. Pimenta. Ao ser-lhe raptada a filha Gonçalo Francisco mandou tirar uma devassa descobrindo que os noivos tinham ido para a Quinta do Enchido, no termo de Braga onde moravão seus senhores, Félix Machado de Azevedo e sua mãe D. Inácia de Távora. Supondo-os cúmplices, Gonçalo Francisco deles dá queixa, mais tarde perdoa-lhes por «pois não eram sabedores ... nas antecedencias do caso avia subcedido antes em o fazerem foy com uzar mais de piedade e por particulares razoins de amisade e parentesco q avia com o dito alexandre de palhares mas não com animo e tensão de dar ajuda nem fazer agravo nem ofensa aos queixosos nem as justissas de sua alteza ...». Provado isto são perdoados. O casamento dos fugitivos tinha-se realizado a 3.4.1674.

¹¹⁹ De Gonçalo Francisco e sua mulher não há hoje geração. A sua última descendente foi D. Ana Peregrina Freire de Andrade de Palhares Brito Coelho, Baronesa do Costeado pelo seu casamento, falecida em 1856. V. livro citado na nota 115.